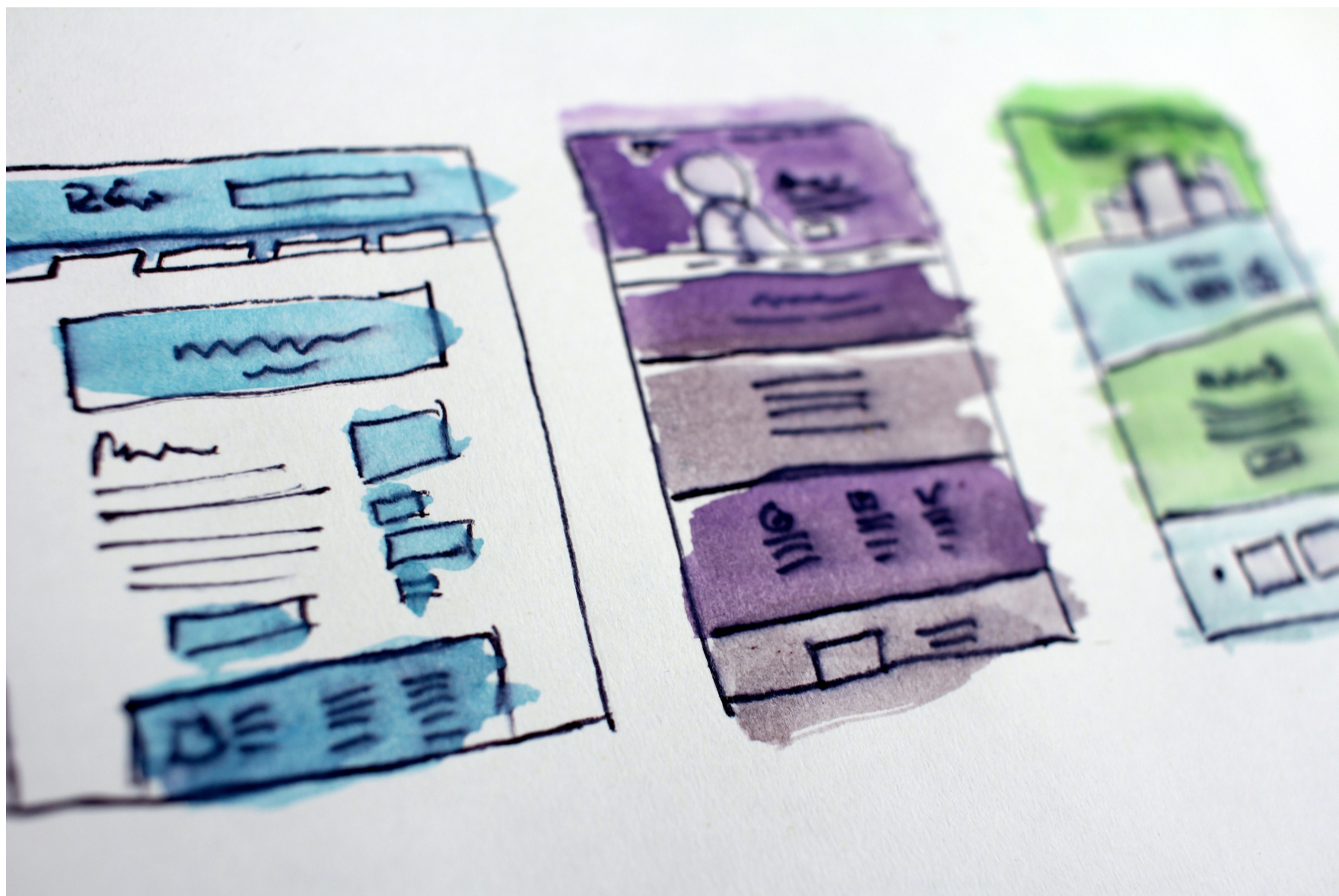


Mário Rui Domingues Ferreira da Cruz

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA FORMAÇÃO DO CFAE DAS TERRAS DE SANTA MARIA *Plano de Capacitação Digital de Docentes*



Índice

Introdução	4
1. Avaliação de necessidades	5
1.1. Das necessidades reais dos AE às respostas possíveis do CFAE	9
1.2. Conceção do plano e dinâmicas da formação	10
2. Avaliação intermédia de impactos da formação nas práticas dos docentes: representações dos formandos	12
3. Avaliação da execução do plano de formação	14
3.1. Representações dos formandos	15
3.2. Representações dos formadores	21
4. Avaliação pós-formação dos impactos da formação	24
Considerações finais: pontos fortes e pontos aperfeiçoáveis	27
Referências	29
Anexos	30
Anexo 1 - AE pertencentes ao CFAE das Terras de Santa Maria e seus PE	30
Anexo 2 - Plano de formação do CFAE das Terras de Santa Maria	33
Anexo 3 - Lista de ações monitorizadas	36
Anexo 4 - Guião da entrevista ao diretor do CFAE	37
Anexo 5 - Exemplo de questionário de avaliação das ações	38
Anexo 6 - Exemplo de dados de avaliação de uma ação obtidos na plataforma do CFAE das Terras de Santa Maria	40
Anexo 7 - Apresentação utilizada no Grupo Focal 1	41
Anexo 8 - Apresentação utilizada no Grupo Focal 2	42

Lista de siglas, acrónimos e abreviaturas

AE - Agrupamento de Escolas

CFAE - Centros de Formação da Associação de Escolas

ESE/PP - Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto

GF - Grupo Focal

IQ - Inquérito por Questionário

PE - Projeto Educativo

PATD - Plano de Ação para a Transição Digital

PADDE - Plano de Ação de Desenvolvimento Digital da Escola

PCDD - Plano de Capacitação Digital de Docentes

Introdução

Em resposta à Resolução do Conselho de Ministros nº 30/2020, que aprovou o Plano de Ação para a Transição Digital (PATD), "em alinhamento com os objetivos políticos que irão nortear os investimentos da União Europeia no período de programação 2021-2027, de acordo com o Novo Quadro da Política de Coesão" (Conselho de Ministros, 2020, p. 6), o PATD está organizado em três pilares e a Capacitação Digital de Docentes integra o primeiro pilar, ou seja, Capacitação e inclusão digital das pessoas.

No âmbito deste Plano, está prevista a formação de todos os docentes das escolas públicas, pretendendo-se a "aquisição das competências necessárias ao ensino neste novo contexto digital" (Conselho de Ministros, 2020, p. 15), esperando-se que esta medida contribua "ativamente para a modernização tecnológica das escolas, aproximando os alunos das ferramentas de produtividade e colaboração que podem encontrar num ambiente de trabalho profissional" (Conselho de Ministros, 2020, p. 15).

Tendo em conta a sua integração no Programa para a Transformação Digital das Escolas, previsto no âmbito do Plano de Ação para a Transição Digital, o Plano de Capacitação Digital de Docentes (PCDD) é uma das ações previstas. Para o seu desenvolvimento, nos termos do quadro legal definido, foi instituída a necessidade de avaliação do impacto da formação desenvolvida nos diferentes agrupamentos/escolas.

A Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (ESE/PP), como resposta às solicitações de diferentes CFAE, dado tratar-se de uma instituição de referência nesta área, criou, desenvolveu e implementou um Plano de Monitorização e Avaliação dos Impactos da Formação nos Centros de Formação de Associação de Escolas (CFAE).

O presente relatório institui-se como um documento que encerra todo esse processo relativo à monitorização e avaliação dos impactos de formação realizada no CFAE das Terras de Santa Maria entre março de 2022 e junho de 2023.

O relatório encontra-se organizado em três partes: na primeira parte, que denominamos de "avaliação das necessidades", incidiremos a nossa análise sobre o plano de formação apresentado pelo CFAE e a sua articulação com os *Planos Estratégicos dos Agrupamentos de Escolas* (AE). Na segunda parte, que designamos como "avaliação de impactos", a análise recairá sobre as perceções de formadores e formandos, relativamente ao desenvolvimento das ações monitorizadas, assim como procuramos identificar os efeitos sentidos pela formação desenvolvida pelos formandos e nos contextos onde desenvolvem a sua ação. Por último, teceremos algumas considerações sob a forma de sugestões e recomendações para futuras ações de melhoria.

As fases deste processo de monitorização e avaliação dos impactos foram as seguintes: fase inicial - recolha de informação relativa ao plano de formação e ao seu processo de construção, incluindo uma entrevista ao diretor; fase intermédia - a avaliação intermédia da execução do plano de formação de ações contratualizadas, com a realização de um grupo focal (GF) com participantes dos diferentes AE; fase final - a avaliação da execução do plano de formação, com enfoque numa análise de conteúdo de documentos,

nomeadamente de questionários e relatórios dos formadores; fase pós-formação - a avaliação dos impactos da formação, incluindo a realização de um segundo GF, com composição mais alargada e representativa da implementação do plano de formação. Posteriormente, realizar-se-á a redação do relatório à luz dos objetivos deste modelo de monitorização e avaliação dos impactos previamente contratualizado com o CFAE.

Tendo em conta estudos de diferentes autores que se debruçam sobre temas como formação contínua e/ou impactos na educação (Canha, M. 2013, Castro, J.; Marques, M. 2015, Gaudreau, N.; Royer, É.; Frenette, É.; Beaumont, C.; Flanagan, T. 2013, Panayiotis, A.; Leonidas, K. 2013) foi utilizada uma metodologia mista, de cariz quantitativo e qualitativo, e com os seguintes instrumentos e técnicas de recolha de dados: análise documental, entrevista semiestruturada ao diretor, análise de dados de IQ em diferentes fases do processo e dinamização de GF com entrevista semiestruturada.

1. Avaliação de necessidades

A aprendizagem e o desenvolvimento profissional contínuos dos professores são essenciais para garantir que eles possuam as habilidades, conhecimentos e competências necessárias para enfrentar os desafios em constante evolução no campo da educação. Aqui estão algumas razões pelas quais a formação contínua dos docentes é importante:

- a) Atualização de conhecimentos: a formação contínua permite que os docentes se mantenham atualizados em relação aos avanços mais recentes nas suas áreas de ensino. A educação está em constante evolução, e novas descobertas, métodos e abordagens surgem regularmente. Os professores precisam de acompanhar essas mudanças para fornecer uma educação relevante e atualizada aos estudantes;
- b) Adaptação a novas práticas pedagógicas: a formação contínua permite que os docentes aprendam novas práticas pedagógicas e estratégias de ensino. Podem explorar diferentes abordagens de ensino, métodos de avaliação, tecnologias educativas e recursos pedagógicos. Isso ajuda a diversificar e melhorar as suas competências de ensino, tornando as aulas mais envolventes e eficazes;
- c) Desenvolvimento de competências especializadas: a formação contínua oferece aos docentes a oportunidade de desenvolver competências especializadas em áreas específicas, nomeadamente educação inclusiva, tecnologia educacional, alfabetização, ensino de línguas, entre outros. Isso capacita-os a atender melhor às necessidades específicas dos alunos e a lidar com desafios específicos que possam surgir no contexto educativo;
- d) Reflexão e melhoria da prática pedagógica: a formação contínua incentiva os docentes a refletirem sobre a sua prática pedagógica e a buscarem constantemente formas de melhorar. Têm a oportunidade de partilhar experiências, colaborar com outros educadores e receber *feedback* construtivo. Através dessa reflexão e diálogo,

os professores podem identificar áreas de melhoria e implementar mudanças positivas na sua abordagem de ensino;

- e) Acompanhamento das mudanças sociais e tecnológicas: a formação contínua ajuda os docentes a acompanharem as mudanças sociais e tecnológicas que impactam a educação. Os avanços tecnológicos estão a transformar a forma como aprendemos e ensinamos, e os professores precisam estar preparados para integrar a tecnologia de forma significativa nas suas práticas de ensino. Além disso, a formação contínua também ajuda os docentes a desenvolverem competências para lidar com as mudanças nas necessidades dos estudantes e na sociedade em geral.

Esta última dimensão assume particular expressividade no plano de formação elaborado pelo CFAE de Terras de Santa Maria. De facto, tendo em conta o programa de digitalização das escolas, a capacitação dos docentes tem um papel preponderante enquanto trampolim para a integração transversal das tecnologias digitais nas suas práticas profissionais e pedagógicas, incluindo de uma forma mais lata na vida da escola, nas suas rotinas e procedimentos diários e, concomitantemente, estimulando práticas de aprendizagem e exercício de cidadania proativas junto dos alunos. Assim sendo, esta capacitação deve centrar-se na promoção da competência digital dos docentes, de forma a que estes (co-)criem práticas pedagógicas que estimulem uma escola inovadora, inclusiva, plural, democrática e atenta à diversidade própria da sociedade pós-globalizada.

Neste contexto, a Direção-Geral da Educação (DGE), enquanto entidade responsável pela elaboração e implementação do PCDD, levou a cabo ações no que se refere ao planeamento e concretização de oferta formativa. Assim, resultado de um trabalho articulado entre a DGE e CFAE, realizaram-se:

- a) cursos de formação de formadores para a capacitação digital dos docentes, cursos estes desenhados e desenvolvidos com o objetivo de criar uma bolsa de formadores para colaborarem na implementação do PCDD, nomeadamente assegurarem a formação prevista para os professores dos ensinos básico e secundário, das escolas da rede pública de Portugal Continental, garantindo que todos terão acesso a momentos formativos, com vista ao desenvolvimento das competências digitais;
- b) uma oficina de formação, destinada aos diretores dos CFAE e a professores que vão desempenhar as funções de Embaixadores Digitais;

Estas ações promoveram um processo de valorização e de desenvolvimento profissional dos docentes nos domínios da literacia digital e das competências digitais, no sentido de os dotar das competências necessárias à integração transversal das tecnologias, de modo a que estas se afirmem como ferramentas facilitadoras das práticas pedagógicas e, concomitantemente, promotoras de inovação no contexto escolar.

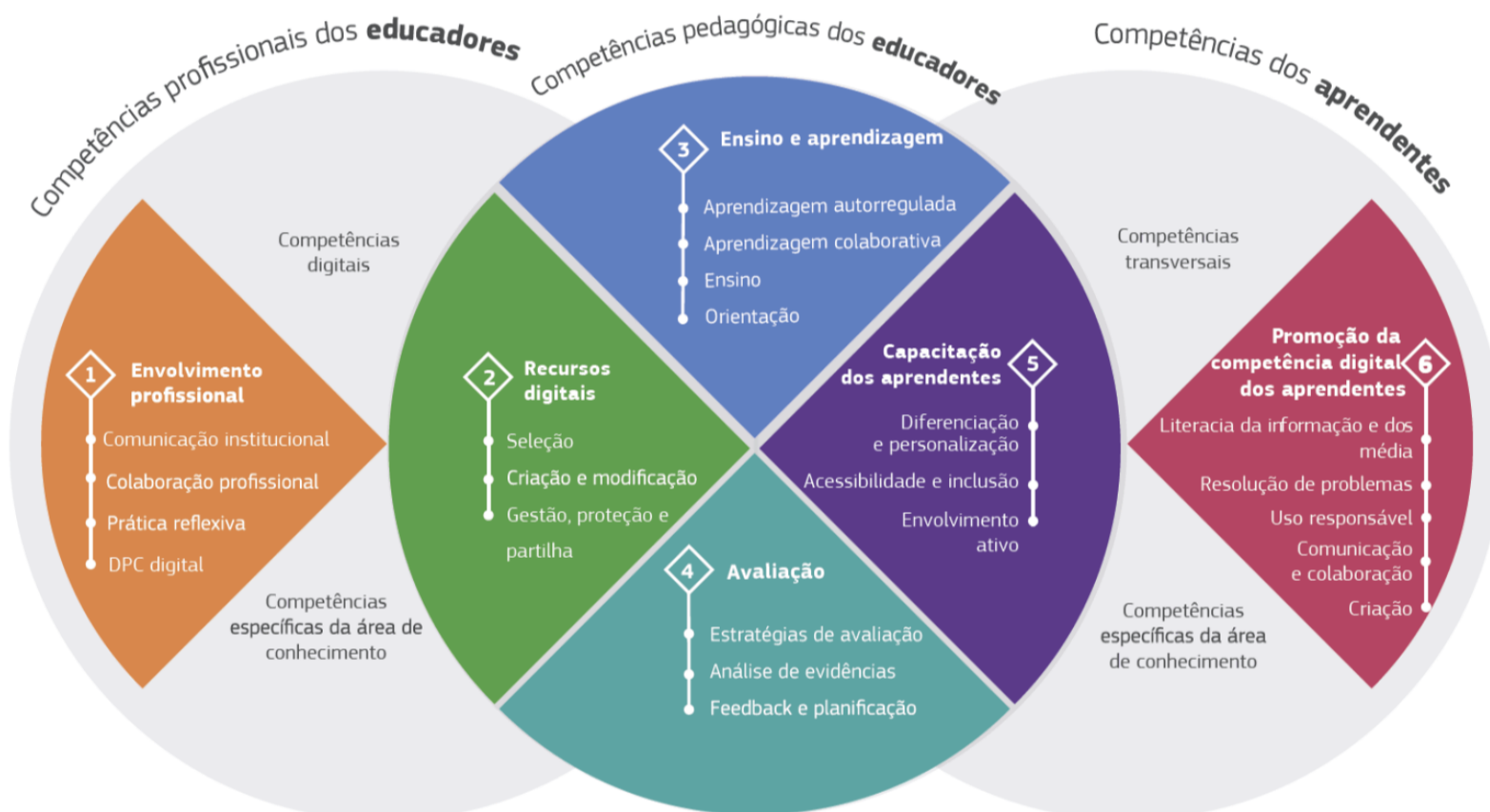
Além da capacitação docente, destacam-se ainda outras ações: 1) a disponibilização de equipamento individual ajustado às necessidades de cada nível educativo para utilização em contexto de ensino e aprendizagem; 2) a garantia de conectividade móvel gratuita

para alunos, docentes e formadores do Sistema Nacional de Qualificações; 3) o acesso a recursos educativos digitais de qualidade.

O PCDD assenta no Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores (DigCompEdu, 2018) que contém seis áreas de competências (identificadas na Figura 1). Inicia-se com um diagnóstico realizado através da ferramenta de autorreflexão *Check-In*, desenvolvida pelo Comissão Europeia, que será o elemento central no processo de avaliação da competência digital dos docentes e permitirá enquadrar os docentes em formação específica para o seu nível de proficiência digital.

Figura 1

As seis áreas de competência do DigComEdu



Nota: Disponível em <https://cctic.ipcb.pt/plano-de-capacitacao-digital-de-docentes/>.

O grande objetivo do PCDD prende-se com o fornecer aos professores as competências necessárias para utilizar efetivamente as tecnologias digitais no contexto educativo, por forma a:

- desenvolver competências tecnológicas: o objetivo principal da capacitação digital é capacitar os docentes com conhecimentos técnicos e habilidades relacionadas ao uso de tecnologias digitais, incluindo o domínio de ferramentas educativos, plataformas de aprendizagem *online*, recursos digitais e aplicativos relevantes para o ensino e aprendizagem;
- promover a integração da tecnologia na prática pedagógica: a capacitação digital docente visa ajudar os professores a integrar a tecnologia de forma significativa nas

suas práticas de ensino, envolvendo a identificação de formas como as ferramentas digitais podem melhorar a disponibilização do conteúdo, promover a participação ativa dos estudantes, fornecer *feedback* efetivo, facilitar a colaboração e expandir as oportunidades de aprendizagem;

- C. apoiar a personalização da aprendizagem: a tecnologia pode ser usada para personalizar a aprendizagem, atendendo às necessidades individuais dos alunos, utilizando práticas de diferenciação da instrução, adaptação a ritmos de aprendizagem, criação de recursos e atividades personalizados e inclusivos, e monitoração do progresso dos alunos de forma mais eficiente;
- D. desenvolver competências de pensamento crítico e criativo: a capacitação digital docente busca promover o desenvolvimento de competências de pensamento crítico e criativo nos estudantes. Os professores aprendem a usar ferramentas e recursos digitais que incentivam os alunos a analisar e avaliar criticamente informação, resolver problemas complexos, colaborar e co-criar conteúdos de forma original;
- E. fomentar a literacia digital e a cidadania digital: a capacitação digital docente tem como objetivo desenvolver a literacia digital nos estudantes, ou seja, a capacidade de utilizar e avaliar criticamente as informações encontradas *online*, incluindo a promoção de uma cidadania digital, ética, segurança online, privacidade e responsabilidade digital;
- F. acompanhar as tendências educativas e tecnológicas: a capacitação digital docente procura manter os professores atualizados sobre as tendências emergentes em tecnologia educativa e práticas pedagógicas inovadoras, pelo que os docentes são incentivados a explorar novas ferramentas, estratégias e abordagens que possam melhorar a aprendizagem dos alunos e prepará-los para os desafios do século XXI.

Tendo em conta que o Plano de Formação do CFAE deverá constituir-se como um instrumento de operacionalização de um plano estratégico de ação definido, bem como um documento orientador e coordenador dos diversos projetos de ações de formação contínua, incluídos nos Projeto Educativo (PE) dos AE, o Plano de Formação criado pelo CFAE das Terras de Santa Maria fundamenta-se, por um lado, nas orientações expressas pelo Sistema Educativo, relativamente à formação de pessoal docente, incluindo respostas alinhadas com o PCDD e, por outro lado, integra como linhas orientadoras, as propostas apresentadas pelos diferentes destinatários, resultando, por isso, das necessidades sentidas pelos mesmos, contemplando ainda os domínios de intervenção do PE (cf. Baudelot, C.; Establet, R. 1994, Brito, C. 1998).

1.1. Das necessidades reais dos AE às respostas possíveis do CFAE

O CFAE das Terras de Santa Maria cobre uma vasta extensão geográfica, que inclui 15 AE (ver Anexo 1, para obter mais informações sobre o número de escolas por AE e do seu Projeto Educativo). Vários são os Projetos Educativos dos AE da área de intervenção do CFAE das Terras de Santa Maria que têm como principal objetivo o desenvolvimento efetivo do perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória, no que concerne o trabalho com competências para o século XXI (cf. Cruz, M.; Orange, E. 2016) e a preparação para uma cidadania proativa. De facto, a grande parte dos PE indica como prioridade o desenvolvimento de competências como as seguintes: informação e comunicação, literacia digital, raciocínio e resolução de problemas, pensamento crítico, criatividade, colaboração, autonomia e desenvolvimento pessoal. Vários PE também já esboçam preocupações referentes ao desenvolvimento global e sustentável da criança e do jovem.

Tendo em conta uma autoavaliação diagnóstica, a maioria dos AE enuncia como principais problemas: a) défice de aprendizagens relacionadas com a aquisição dos mecanismos da leitura/escrita e do raciocínio lógico-matemático; b) défice ao nível da gestão da autodisciplina e de comportamentos cívicos; c) poucos hábitos de trabalho, de organização e de iniciativa para o estudo; d) algumas fragilidades sentidas na implementação do trabalho colaborativo, interdisciplinar e reflexivo.

Os AE assumem o compromisso de oferecer a formação aos seus professores, em todos os domínios, em função de um levantamento prévio das suas necessidades efetivas de formação, realizada diretamente com o CFAE das Terras de Santa Maria e/ou aproveitando os recursos humanos internos que podem ser rentabilizados para o efeito.

Na sua globalidade, podemos referir que os projetos educativos e planos estratégicos dos AE da região têm em vista:

- o desenvolvimento de práticas de educação para a cidadania, com especial atenção nas competências linguísticas (na língua materna e estrangeira) e no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático;
- a valorização da leitura crítica e analítica, nomeadamente ao nível do formato digital (Internet e suas ferramentas);
- a capacitação dos docentes para aplicação de metodologias ativas e centradas no aluno, através de práticas de indução e reflexão.

O levantamento, tanto formal como informal de necessidades, envolve a Direção, os Grupos Disciplinares, Departamentos e o Conselho Pedagógico de cada AE, bem como a comunidade educativa em geral.

Assim sendo, tendo em conta o plano de formação do CFAE das Terras de Santa Maria (Anexo 2), podemos referir que este apresenta uma coerência interna e procura dar resposta às necessidades diagnosticadas em cada AE, ainda que formação a financiar

pelo governo seria a da transição digital apenas, como a seguir veremos. Posto isto, as quinze ações selecionadas para monitorização (Anexo 3), objeto de análise e de reflexão crítica neste relatório, incidem sobretudo sobre a hibridização do processo de ensino e, ainda, aprendizagem digital.

1.2. Conceção do plano e dinâmicas da formação

Tendo em conta a conceção do plano e dinâmicas da formação, procurámos também obter contributos das palavras do Diretor do CFAE das Terras de Santa Maria, por forma a conhecermos as dinâmicas próprias da formação desde o momento em que se auscultam as necessidades dos docentes, passando pela consecução das atividades formativas e incluindo as formas de avaliação pré-existentes a este processo de monitorização. Por outras palavras, esta entrevista, cujo guião pode ser encontrado no Anexo 4, permitiu-nos conhecer o modelo de gestão seguido pelo Diretor do CFAE acima enunciado, no que se refere às política a montante e a jusante da formação (cf. Pinto, 2006).

No que diz respeito ao primeiro grupo de questões, “Quais são as necessidades de formação diagnosticadas neste novo período? Em termos gerais, qual a sua natureza e enfoques principais neste novo período? Como foi construído o plano de formação?”, a criação deste plano fugiu à regra daquilo que era tradicional. Normalmente auscultavam-se os diretores e coordenadores de departamento quanto a necessidades de formação prementes, sendo estas diretamente diagnosticadas pela escola. Era com “base nestas sondagens que se procurava dar resposta às mesmas”. Embora não se soubesse quando abriria a candidatura, estávamos a trabalhar desta forma durante o ano de 2020”, ou seja, fazendo o levantamento das necessidades e co-criando o plano de formação como até aqui. A necessidade que ressaltou mais foi a de avaliação pedagógica, sendo “transversal a todos os agrupamentos”, o que tem que ver com a existência do projeto MAIA¹. Entretanto, no final do ano de 2020, os Diretores dos CFAE foram convocados para uma reunião na DGE e foi-lhes indicado que a única “formação financiada seria a da transição digital”. Como tal, foi obrigado a parar com o levantamento das necessidades de formação junto dos AE, pois deixou de fazer sentido neste contexto. 80% da formação teria que ser sobre a capacitação digital e os restantes 20% poderiam estar relacionados com o PATD. Neste caso, procurou-se dar resposta: a) às necessidades da educação pré-escolar, pois esta área estava completamente a descoberto, uma vez que os educadores de infância não eram destinatários de formação, no âmbito do PATD; b) às necessidades diagnosticadas no âmbito da avaliação pedagógica, estando esta intrinsecamente ligada a ferramentas digitais. Fora da candidatura, há outras ações não financiadas em curso, nomeadamente ações de formação ligadas ao projeto MAIA.

Quanto ao segundo grupo de questões, “Houve uma evolução qualitativa ou quantitativa da formação? Houve um aumento significativo no número de ações? Ou crê que isto não foi substancial, mas sim a qualidade melhorou (estará mais focada nas necessidades dos

¹ Para mais informações, é favor consultar: <https://afc.dge.mec.pt/projeto-maia-introducao>.

professores?). O plano de formação em vigor dá verdadeiramente resposta aos Projetos Educativos dos AE e Escolas não agrupadas?”, o Diretor do CFAE não consegue responder se, de facto, o plano de formação dá resposta às necessidades. As necessidades de formação foram anunciadas e organizadas de forma vertical, passando “um pouco por cima dos projetos educativos”. No entanto, há uma articulação entre a formação de outra natureza com a de capacitação digital, conseguida através de um trabalho colaborativo entre os formadores do CFAE e a equipa de transição digital.

A qualidade do plano de formação verifica-se, sobretudo, na tentativa de resposta a necessidades diagnosticadas, nomeadamente quanto ao tema “avaliação pedagógica”. Foram constituídas 5 turmas neste âmbito, havendo inclusive diretores a frequentar estas formações. Esta foi a única formação em que as direções das escolas tiveram oportunidade de sinalizar e escolher docentes para frequentar estas ações.

Não que se refere ao volume de formação, “vai haver uma quebra na quantidade de formação”, pois acabaram as recuperações de tempo de serviço. De facto, há um impacto direto na não procura de formação, resultando na oferta de menos ações/turmas. Há menos turmas, mas “o volume de formação em termos de formandos está próximo do que seguiu em candidatura”.

Por sua vez, no que diz respeito ao grupo das terceiras questões, “De forma geral, a seu ver, quais são os principais objetivos do plano de formação? Quais as áreas prioritárias?”, o Diretor do CFAE indicou que a transição digital é a prioridade, mas também a avaliação pedagógica se verifica como uma área prioritária. No que diz respeito ao domínio da avaliação pedagógica, foi necessário repensar a criação das ações de formação sobre este tema com enfoque no uso de ferramentas digitais, por forma a poder-se dar resposta às necessidades horizontais e verticais. Ao nível da capacitação digital, o Diretor sente que as formações no âmbito da capacitação digital estão a surtir os devidos efeitos, havendo professores a fazer um trabalho verdadeiramente interessante.

Quanto ao grupo de quatro questões, “Que instrumentos de autoavaliação e heteroavaliação existem em vigor neste momento? Estes sofreram alterações desde o último ciclo de formação?”, os procedimentos de autoavaliação não mudaram, ou seja, os formandos preenchem um IQ de avaliação online (ver exemplo no Anexo 5), na plataforma do centro, não tendo havido ajustes no formulário. Mantém-se o seu carácter anónimo e o facto de ser de preenchimento obrigatório para obtenção de certificado. Também se mantêm os critérios de avaliação (https://cfterrasantamaria.com/bdcentro/docs/tab2/cftsm_criteriosavaliacao.pdf) e seus descritores (https://cfterrasantamaria.com/bdcentro/docs/tab2/cftsm_descritoresavaliacao.pdf). Quanto à avaliação por parte do formador, há uma ficha entregue ao formador com os critérios de avaliação, que também se mantém. Existe, ainda, uma matriz para o relatório do formador, tendo esta sido já comunicada e enviada aos formadores. A elaboração deste relatório passou a ser obrigatória para todas as modalidades, incluindo as de curso de formação. Há ainda que sinalizar a existência da plataforma *Moodle* para o desenvolvimento de processos de avaliação mais centrados nos processos e de cariz mais formativo.

No que se refere ao quinto grupo de questões, “Existem alguns constrangimentos associados à consecução do plano de formação? Que aspetos positivos e que aspetos aperfeiçoáveis gostaria de sinalizar?”, o Diretor do CFAE indica que vê vantagens na constituição de turmas com formandos de diferentes níveis de ensino, mas organizadas por grupos disciplinares na mesma turma. Isto permite que os professores reflitam sobre as diferenças de uso de ferramentas e recursos nos diferentes níveis de ensino, ainda que dentro da sua área disciplinar. Também sinalizou como aspetos positivos: formação no âmbito dos manuais digitais com a Universidade de Aveiro (CRTIC); formação no contexto do Projeto MAIA - Flexibilização curricular; formação sobre biblioteca escolar e recursos didáticas; formação sobre robótica educativa na educação pré-escolar; e, ainda, formação sobre estratégias de motivação para quem ainda não tem nível suficiente para frequência de ações de capacitação.

No que diz respeito a constrangimentos, não há problemas de maior a assinalar. O CFAE tem formadores suficientes que deram resposta à procura, às inscrições formalizadas. Contudo, estão condicionados por ano quanto ao número de horas que podem ministrar. Há, ainda, que sinalizar que houve um atraso no arranque da formação por causa da saída oficial do financiamento, o que condicionou o bom funcionamento do ciclo de ações.

2. Avaliação intermédia de impactos da formação nas práticas dos docentes: representações dos formandos

Para a avaliação do impacto debruçamo-nos nos dados do GF que dinamizámos a 23 de junho de 2022 (Anexo 7), focando a nossa atenção nos efeitos da formação nas práticas dos docentes ao nível das ações de formação levadas a cabo na Fase 1 (Anexo 3).

Neste momento, procedemos a uma leitura dos dados integrada e complexa de forma a procurar evidenciar os impactos da formação, interpretando-os tendo por base uma análise de processos. Assim sendo, tivemos em conta uma metodologia de tipo eminentemente interpretativo e qualitativo (cf. Canha, M. 2013, Panayiotis, A.; Leonidas, K. 2013).

Ao nível da formação “TinkerCad - Introdução à Impressão 3D”, esta tinha docentes de vários grupos disciplinares a frequentar a mesma. Trata-se de uma formação que foi pedida expressamente, tendo sido muito prática. Como tal, a sua implementação foi ao encontro das expectativas dos professores. Houve um caso em que a professora pediu para colaborar na sala de aula, sessão que foi inclusive supervisionada. Também foram incorporadas as ferramentas criadas ao nível de projetos Erasmus+ em curso nos AE. Foi, ainda, sinalizado por uma docente que foi mais fácil motivar os estudantes com a metodologia do trabalho de projeto, com especial expressão ao nível do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Há necessidade de haver mais formação desta natureza pois há mais gente interessada.

Ainda no âmbito desta formação “TinkerCad - Introdução à Impressão 3D”, um outro formando sinalizou que “os conteúdos não eram os mais simples, mas a formação tornou-

se relevante pelos trabalhos práticos desenvolvidos. Foram feitos trabalhos com design mais profissional. Também ao nível dos programas Erasmus+ esta formação também veio a calhar” (PROFESSOR 02).

Ao nível da formação de *capacitação digital nível 2*, há realidades completamente diferentes e, como tal, ir ao encontro das necessidades dos formandos nem sempre foi fácil. Na ação em avaliação, houve desde docentes do grupo disciplinar 910-Educação Especial a todos os grupos, incluindo Educação Moral. Houve um trabalho com ferramentas transversais, de forma a que todos pudessem trabalhar do 1º CEB ao Ensino Secundário. Houve partilha mesmo no seio da própria formação. Todos manifestaram evidências ao nível de sala de aula e outros ao nível do grupo disciplinar.

Invariavelmente, todos os docentes consideram que a capacitação é necessária, mas ressaltam que falta algo neste processo. Não há preparação ao nível das infra-estruturas, pois as escolas não têm salas de aulas com características específicas.

Quanto às formações de *capacitação digital de nível 1*, confirma-se a falta de condições de trabalho e de operacionalização. Assumindo-se isto, o formador procurou colmatar esta situação utilizando ferramentas de índole transversal e que não requerem tecnologia mais exigente, que muitas das vezes ainda não tinha chegado (ora para professores ora para estudantes). Contudo, é de salientar que todas as sessões eram palco de partilha e reflexão. Os próprios professores de apoio (sem turma) tiveram oportunidade de implementação e partilha.

Por sua vez, no que se refere à formação *O Excel - uma ferramenta pedagógica*, o formador teve oportunidade de observar a envolvimento dos formandos com os alunos. Uma das professoras indicou que estão a trabalhar em rede, algo que começou durante a formação mas que continua para além dela, sendo esta “uma forma de incentivar os colegas a continuar a trabalhar com estas ferramentas” (PROFESSOR 08). Deu o exemplo da utilização do *padlet* como ferramenta colaborativa, sendo algo ideal para que a coordenação saiba o que se vai fazendo pelas diferentes escolas. Também enunciou o uso de outras ferramentas digitais, como o *Canva*, *Plickers*, *Mentimeter*, etc. como ferramentas que têm privilegiado. Os próprios pais também já estão a ser envolvidos, pela comunicação com a comunidade escolar. Formou-se uma verdadeira comunidade de aprendizagem em que há quase um “bombardeamento de ferramentas” (PROFESSOR 08). Também tem havido formação sobre salas de futuro, pois estas estão a ser criadas.

Por sua vez, quanto à ação *Robótica educativa e pensamento computacional na educação pré-escolar*, um dos formandos enunciou que a pandemia “obrigou-os a repensar as estratégias” (PROFESSOR 12). Deixou de haver medo em utilizar e ter formação no domínio de digital. Embora a formação de capacitação estivesse vedada aos profissionais da educação pré-escolar, estes procuraram formação. A robótica e pensamento computacional fez com que estes educadores repensassem estratégias. Em termos de metodologias não houve grandes mudanças, pois “já trabalham de forma muito interativa as competências” (PROFESSOR 13). No âmbito das suas dinâmicas de lecionação, o robot tem sido utilizado para recontar a história e para atividades de compreensão. Outra

formanda indicou que esta também não era uma área em que estava muito à vontade. Com esta formação, os robots, que já faziam parte do espólio de material utilizado na sala, passaram a ser utilizados. Ao nível profissional, abriu horizontes e permitiu utilizar o robot de forma mais sistemática. Esperam que isto não seja apenas uma moda e que seja algo que venha para ficar de forma pensada, sistemática e estruturada.

Uma outra formanda ressaltou a postura dos formadores nos diferentes cursos, pois abriram horizontes e deixaram sempre os formandos à vontade, dando tarefas, estimulando a partilha e cooperação, nunca numa perspectiva de obrigatoriedade (mas sim de prazer). Houve novos domínios que foram trabalhados, até por exigência de transformação pós-pandemia. A componente digital dos manuais passou a ser mais valorizada. Os próprios Quadros Interativos Multimédia passaram a ser mais utilizados. Ressaltou ainda que se poupa tempo quando há partilha na criação e pós-criação de materiais, tendo sugerido a criação de pastas virtuais com a alocação destas ferramentas. Houve partilha para além do Agrupamento de Escolas inclusive.

O curso de formação *Plano de ação para o desenvolvimento digital das escolas* foi promovido pela DGE. Foram constituídas duas turmas com elementos dos 15 AE, incluindo os diretores das escolas, subdiretores, etc. Foram feitos diagnósticos, nomeadamente através da ferramenta SELFIE e CHECKIN, para compreender como já estava a ser utilizado o digital por agrupamento. Foram identificadas as áreas deficitárias em que era necessária uma intervenção mais urgente. Muitas destas necessidades eram aspectos técnicos (equipamentos obsoletos, por exemplo). Muitas das transformações que ocorreram já foram efetuadas a partir desta identificação de necessidades. Verificou-se um grande impacto directo, pois os planos de ação digital foram postos em prática. Isto ainda continua ao longo de dois anos letivos. Os docentes indicaram que os ecossistemas digitais estarão à partida implementados nas escolas, pelo que em princípio não serão necessários mais planos. As próprias oficinas de formação que se realizaram já vieram também dar resposta a algumas necessidades dos planos de ação digital, incluindo as metodologias e a inovação. As ferramentas apenas surgem para dar resposta às intenções ao nível da planificação. Privilegiaram-se os ambientes híbridos ao nível destas formações e implementação ao nível das escolas. Os próprios alunos já sabiam que havia novidades e que de aula para aula perguntavam ao professor o que tinha aprendido na formação.

Outra formanda partilhou que, apesar de algum cansaço e de alguma autoformação levada a cabo durante a pandemia, os formadores manifestaram uma sensibilidade incrível. Ao nível do desenvolvimento temporal da implementação das formações, existem frutos já nas salas de aula e nas competências reveladas pelos alunos. No próximo ano letivo, o trabalho notar-se-á ainda mais profícuo.

3. Avaliação da execução do plano de formação

Para a avaliação do impacto debruçamo-nos nos dados dos IQ ministrados pelo CFAE das Terras de Santa Maria, focando a nossa atenção na transferibilidade dos conteúdos e

competências trabalhadas nas formações para o campo das práticas educativas. Também analisámos os relatórios das ações de formação desenvolvidas.

Neste momento, procedemos a uma leitura dos dados integrada e complexa de forma a procurar evidenciar os impactos da formação, interpretando-os tendo por base uma análise de processos. Neste contexto, tivemos em conta uma metodologia de tipo eminentemente interpretativo e qualitativo, com triangulação de fontes, ainda que se recorra a uma metodologia de índole quantitativa, quando necessário (cf. Canha, M. 2013, Panayiotis, A.; Leonidas, K. 2013).

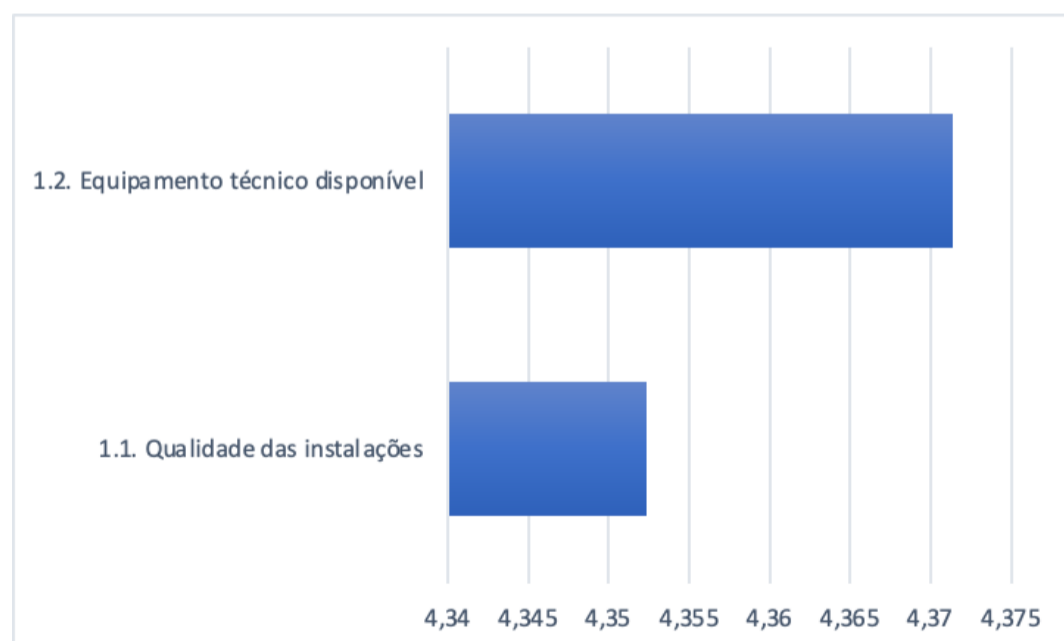
3.1. Representações dos formandos

Na avaliação das representações dos formandos, tivemos em conta os resultados dos IQ (Anexo 6) que foram aplicados depois da finalização de cada uma das ações de formação, pois o objetivo era verificar as consequências de frequência das mesmas na vida profissional dos docentes dos diferentes AE (cf. Panayiotis, A.; Leonidas, K. 2013).

O número de 210 respondentes, que é maioritariamente feminino (85%), tem que se posicionar entre a classificação de 1 e 5 pontos, sendo 5 a classificação máxima a atribuir. No que diz respeito ao primeiro grupo de questões, que se debruça sobre aspetos relacionados com a qualidade de instalações e equipamentos disponíveis, verificamos, através do Figura 2, que a avaliação, ainda que classificada no “Muito bom”, é bastante baixa quando comparada com os dados obtidos referentes às restantes questões.

Figura 2

Aspetos referentes a instalações e equipamentos técnicos



Tal dever-se-á talvez à situação de pandemia que vivemos nos últimos tempos e, concomitantemente, a um repensar de procedimentos e a novas respostas no sentido dos novos contextos virtuais de formação. De facto, o CFAE de Terras de Santa Maria optou, à semelhança de outros centros, pela utilização de plataformas à distância como o Moodle

e/ou o Zoom para a continuidade da consecução do seu plano de formação, mas tal poderá não ter sido do agrado de alguns dos docentes, que acabaram por tecer considerações como as que se seguem:

Na minha opinião a formação foi pertinente, apesar de ter sido realizada em formato online, dada a condição pela qual estamos a passar. Se presencial, seria mais oportuna e prática na resolução de problemas. No entanto, o formador conseguiu dar a volta à situação e conseguiu chegar a todos os formandos, conseguindo elucidá-los para quaisquer eventualidades. (FORMANDO 5)

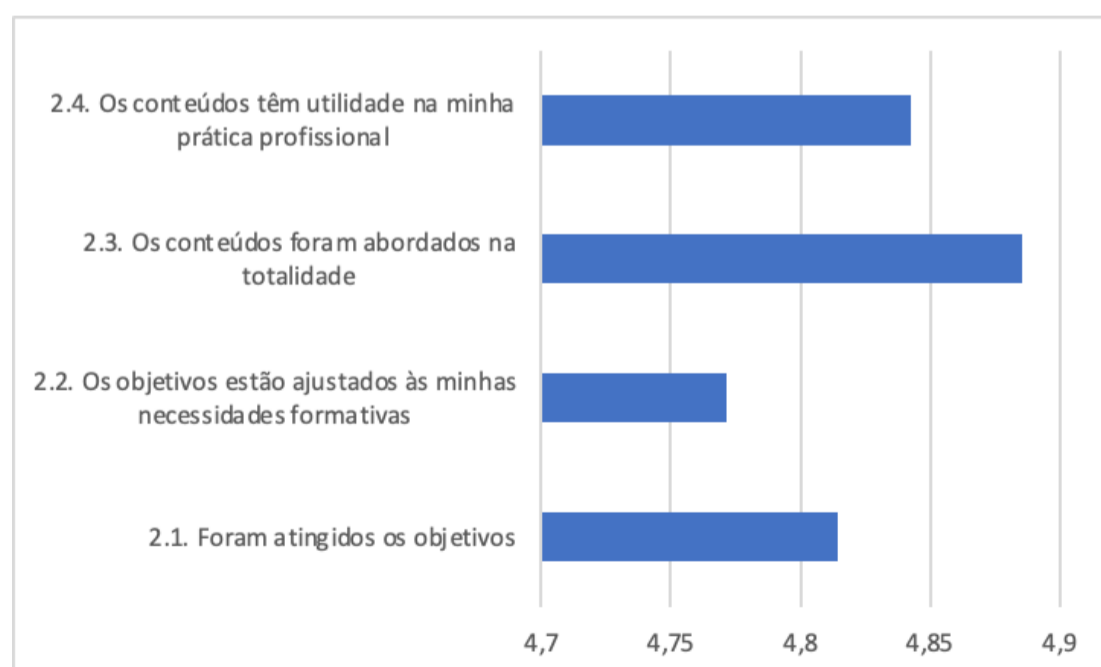
Este tipo de formação resultaria ainda melhor de forma presencial! (FORMANDO 13)

No entanto, como já se verificou noutros momentos, o CFAE mostrou-se bastante próximo dos formandos e formadores, criando tutoriais e fazendo um acompanhamento do trabalho desenvolvido através do e-mail e Moodle.

No que diz respeito aos objetivos e conteúdos da formação, conforme se observa na Figura 3, a maioria dos docentes considera que os conteúdos foram abordados na sua totalidade, que foram atingidos e que estes têm muita utilidade na sua prática profissional. No entanto, no que diz respeito a aspetos como o ajuste dos objetivos às necessidades do docente, verificamos, ainda, que a avaliação se enquadra numa avaliação de nível 4, verifica-se uma maior dispersão nas respostas dadas, o que dá conta de que nem todos os docentes consideraram que as ações estariam de acordo com as suas necessidades formativas.

Figura 3

Conteúdos e objetivos da formação



Neste contexto, há docentes que dão conta da utilidade da formação, como nos exemplos que se seguem:

Ação adequada e muito pertinente. Aconselho vivamente a sua oferta por parte do centro de formação. (FORMANDO 13)

Formação pertinente, útil e motivadora. (FORMANDO 17)

Não vi defraudadas as minhas expectativas em relação à formação. De facto, desenvolvi os meus conhecimentos e competências nalguns recursos digitais que já conhecia e aprendi a utilizar por tentativa erro e pela leitura de tutoriais, tal como tomei conhecimento e adquiri competências para trabalhar com novas ferramentas digitais, que me vão permitir melhorar a minha prática letiva. (FORMANDO 22)

Contudo, alguns docentes viram defraudadas as suas expectativas, como o docente que se segue:

Foi mau ter-me inscrito numa formação pela pertinência do tema (associar a avaliação aos recursos digitais) que, na prática de digital nada teve. (FORMANDO 16)

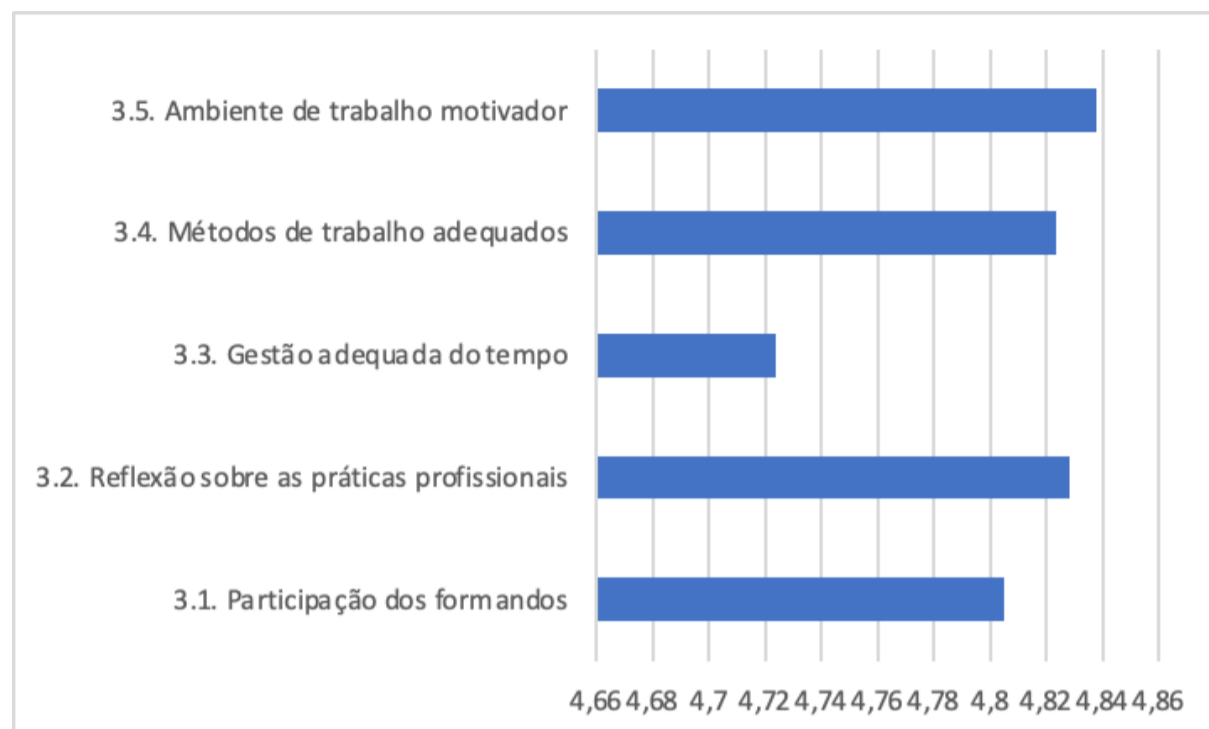
Por sua vez, quando analisamos a Figura 4 e temos oportunidade de nos debruçar em dados relacionados com implicações as percepções sobre a forma como decorreu a formação, facilmente verificamos que os números são elevados quanto ao ambiente de trabalho motivador, à adequação de métodos de trabalho e à participação dos formandos. É de ressaltar que, ao contrário de outras avaliações a planos de implementação do CFAE, nomeadamente dos últimos ciclos avaliativos, o domínio “reflexão sobre as práticas profissionais” é o aspeto melhor avaliado pelos docentes. Neste âmbito, existem múltiplas afirmações partilhadas pelos docentes nos IQ que dão conta de uma gestão ecossistémica das ações eficaz, nomeadamente:

A metodologia adotada pelo formador adequou-se, com muito sucesso, aos objetivos da formação, facilitando a aprendizagem, a compreensão, a prática dos conteúdos e o envolvimento constante dos formandos, ao longo da formação. (FORMANDO 18)

Foi uma formação muito interessante e pertinente, os conteúdos abordados corresponderam às minhas necessidades formativas; tendo utilidade na minha prática profissional. Permitiu a partilha de materiais e de experiências pedagógicas. Foi uma formação muito dinâmica com a participação dos formandos, permitindo uma reflexão sobre as práticas profissionais, com métodos de trabalho adequados e um ambiente de trabalho muito motivador. (FORMANDO 35)

Figura 4

Gestão ecossistémica da ação



Não obstante, ainda que se situe num nível bom, a gestão adequada do tempo é o item pior avaliado. Tal sente-se em algumas afirmações dos docentes, como a que se segue:

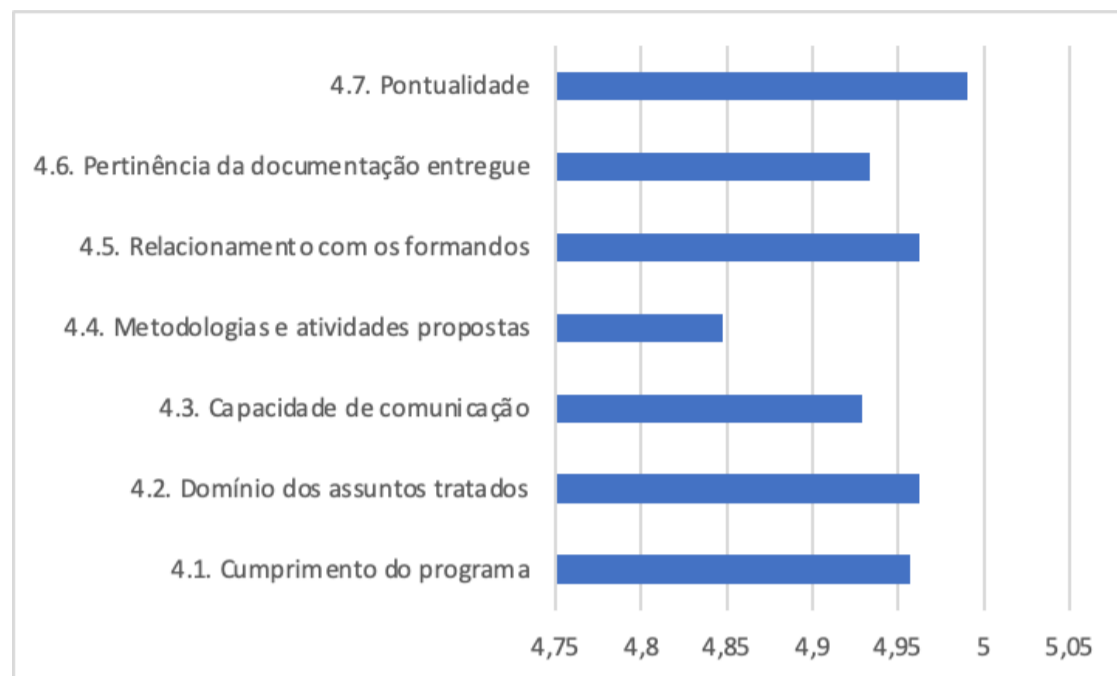
Apesar de todos os objetivos e conteúdos da ação terem sido totalmente atingidos/tratados, o tempo (15 horas!) para um melhor aprofundamento e consolidação dos mesmos foi curto. (FORMANDO 43)

O tempo de intervalo entre as duas últimas sessões deveria ter sido mais prolongado. (FORMANDO 62)

Ao nível de aspetos relacionais, e no que concerne à avaliação do formador, também verificamos, a partir da Figura 5, que globalmente os formandos avaliam as prestações do formador com a classificação de 4,9, na maioria dos itens (pontualidade, pertinência da documentação entregue, relacionamento com formandos, capacidade de comunicação, domínio de assuntos tratados e cumprimento do programa).

Figura 5

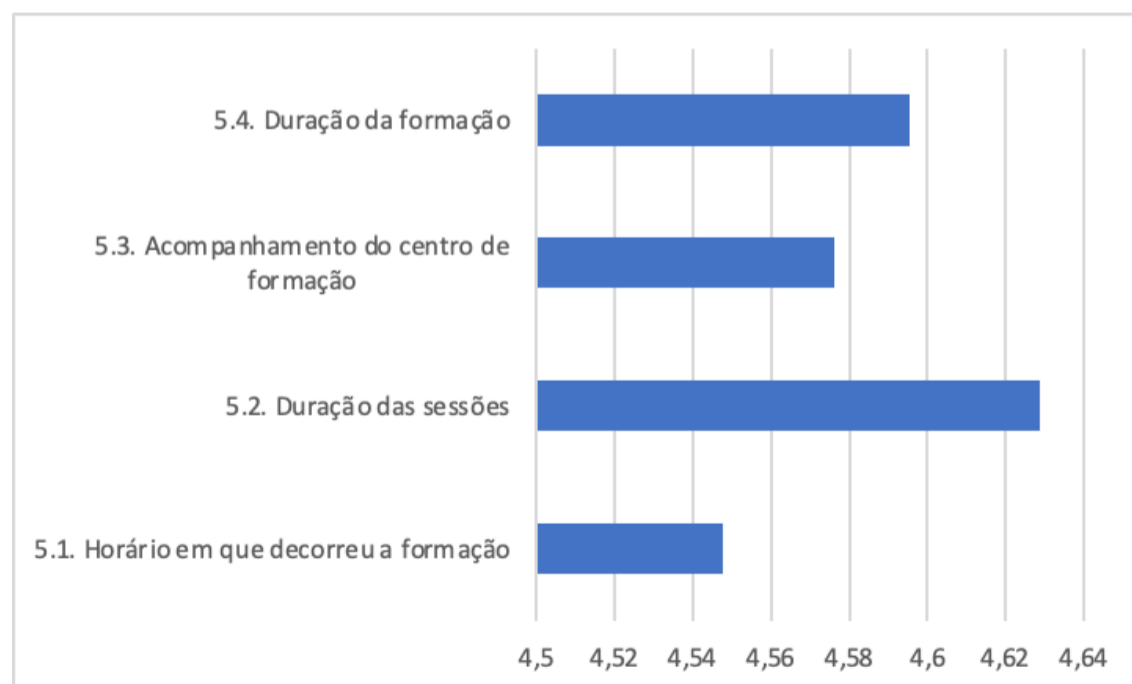
Aspetos relacionais



Se nos debruçarmos em aspetos como as representações dos formandos sobre a organização do curso ou ação, verificamos que há de novo uma avaliação francamente positiva (ver Figura 6). O único aspeto que não é tão bem avaliado é o horário em que decorreu a formação. Muitos docentes consideram que as formações deveriam decorrer em horário de expediente, na sua componente não letiva.

Figura 6

Horário e duração da ação

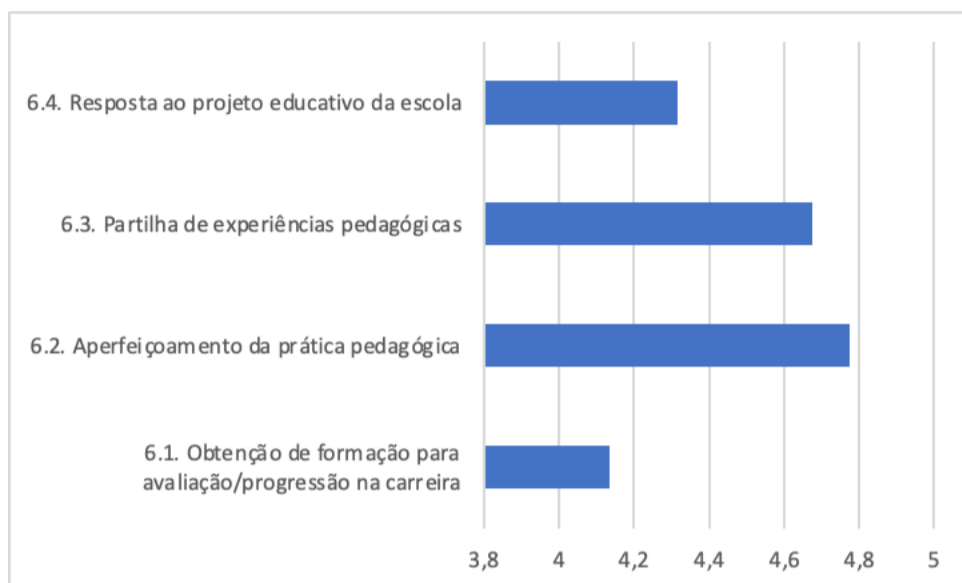


Ao analisarmos a Figura 7, verificamos que a maioria dos docentes considera que a ação está adequada, pelo aperfeiçoamento da prática pedagógica e pela partilha de experiências pedagógicas que proporciona. Ressalta que, neste ciclo avaliativo, a razão

menos indicada é a de progressão na carreira e/ou avaliação docente. Também a “resposta ao projeto educativo da escola” surge como um dos aspetos menos mencionados.

Figura 7

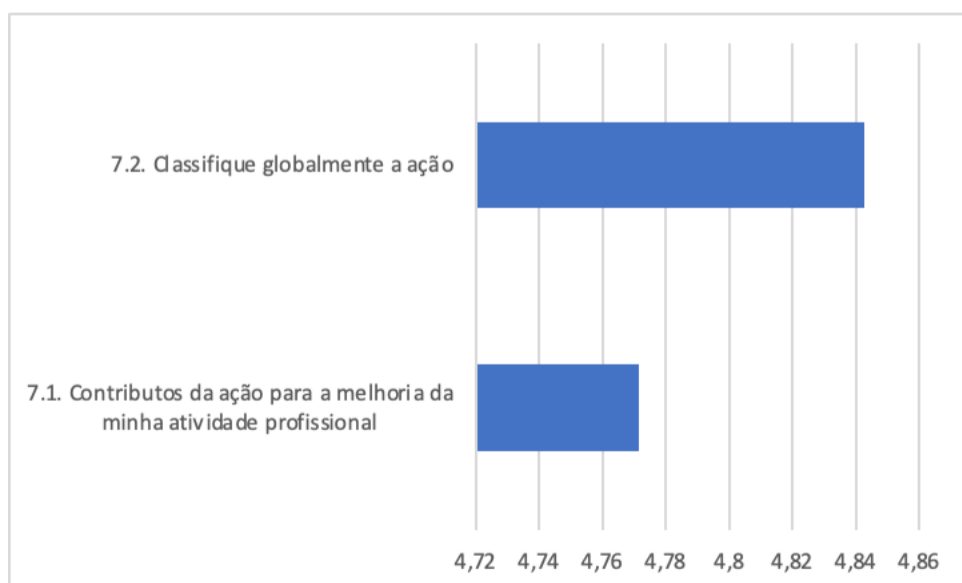
Adequação da ação



Por último, gostaríamos de nos debruçar sobre a Figura 8 que se refere, por um lado, aos contributos da ação para a melhoria da atividade profissional, e, por outro, à classificação global da ação. Embora avaliem as ações na sua globalidade com uma classificação superior a 4,84, os contributos das ações para a reconstrução da profissionabilidade docente dos formandos também está bem avaliada.

Figura 8

Classificação da ação na sua globalidade



Neste sentido, gostaríamos de terminar esta análise salientando algumas das representações dos formandos sobre os impactos desta formação na (re)construção da sua profissionalidade, nomeadamente:

a) a utilidade da formação

Esta ação de formação foi relevante na abordagem de estratégias motivadoras e facilitadoras da prática docente (FORMANDO 1).

Foi uma aventura...uma aventura muito enriquecedora e proveitosa, sendo uma mais valia para a minha prática pedagógica (FORMANDO 5).

b) o ambiente de trabalho colaborativo e reflexivo

A ação decorreu em ambiente colaborativo e participativo.; O formador esteve sempre disponível para esclarecer e ajudar nas dificuldades inerentes aos conteúdos ministrados (FORMANDO 8).

Acção oportuna, muito bem estruturada e congruente.; A formadora foi de uma disponibilidade exemplar, muito competente na sua intervenção, guiando os formandos na construção progressiva da compreensão de todos os aspectos pertinentes à concepção do PADDE, propiciando, ainda, o estabelecimento de um clima cordial, reflexivo e colaborativo entre os presentes.; Apreciei esta ação de formação, quer a nível profissionalmente, quer a nível pessoal (FORMANDO 11).

A formação foi muito boa. Aprendi muito com o formador e com a partilha dos colegas (FORMANDO 12).

O ambiente de trabalho da equipa/ turma foi fantástico e a partilha de experiências dos formandos foi muito enriquecedora (FORMANDO 43).

A Oficina de Formação ultrapassou as minhas expectativas.; Foi desenvolvida pelo formador com moderação, ajustada ao grupo de formandos.; Interação entre os formandos bastante satisfatória.; Conteúdos abordados, troca e partilha de conhecimentos e experiências e sua aplicação em cada um dos contextos e grupos de professores (FORMANDO 55).

c) o fomento de práticas promotoras de competências para o século XXI

Formação pertinente e adequada às competências do séc.XXI. Excelente organização, comunicação, partilha e conhecimento da formadora (FORMANDO 45).

3.2. Representações dos formadores

No que concerne às percepções dos formadores, foi realizada uma análise dos relatórios dos mesmos que apresentam alguma uniformidade no que diz respeito à sua estruturação, informações veiculadas, número de páginas, entre outros aspetos, o que

facilita uma avaliação objetiva. Na nossa análise, procurámos ter em conta evidências no que se refere a impactos, nomeadamente quanto à alteração de metodologias de trabalho e de práticas em contexto de sala de aula, ou seja, a reconstrução da profissionalidade docente nesta dimensão.

Debruçando-nos na área das competências digitais, tivemos em atenção os relatórios dos formadores das seguintes ações: "Capacitação digital de docentes - nível 1", "Capacitação Digital de Docentes - nível 2", "Curso de Estratégias de Motivação para a Capacitação Digital" e, ainda, "Plano de Ação para o Desenvolvimento Digital das Escolas (PADDE)". Duma forma geral, estes esboçam os seguintes aspetos positivos:

- a) a aprendizagem na utilização de ferramentas Web 3.0 que, a pedido dos formandos ou por indução dos conteúdos, implicou processos autoformativos que relevam para a melhoria das aprendizagens e renovação de práticas, nomeadamente no que diz respeito a uma gestão ecossistémica da aula, mais eficaz;
- b) o grupo de formandos integraram-se de forma excecional, partilhando as práticas/ produtos/atividades de forma natural, tendo para isso contribuído também a forma como os formadores organizaram as formações, alertando para a importância da partilha;
- c) as sessões de formação foram muito participadas, revelando entusiasmo quer na melhoria de práticas, quer no feedback das práticas em sala de aula;
- d) verifica-se uma preocupação com o desenvolvimento de competências do perfil do professor do século XXI;
- e) os formandos tiveram oportunidade de analisar de forma crítica e reflexiva documentos nacionais e transnacionais relacionados com os paradigmas educativos associados ao digital;
- f) há a coprodução de recursos de ensino e aprendizagem digitais como uma evidência transversal a todas as ações acima indicadas;
- g) verifica-se o uso de incidentes críticos como trampolim para incutir práticas de renovação do seio escolar;
- h) revela-se que os formandos apresentaram evidências de ter aplicado junto dos alunos as suas propostas de atividades e estratégias no âmbito do desenvolvimento de competências digitais.

Por sua vez, tendo em conta ações de outra tipologia, ainda que com um enfoque no digital, analisámos os relatórios das seguintes ações: "Aplicações de Gestão Informática", "Robótica educativa e pensamento computacional na educação pré-escolar", "TinkerCad - Introdução à Impressão 3D", "O Excel - Uma ferramenta pedagógica", "Criação de instrumentos online de avaliação" e, ainda, "Avaliação pedagógica - recurso a tecnologia digital", uma das áreas mais selecionadas no diagnóstico de necessidades. Depois de analisarmos os relatórios entregues pelos formadores, concluímos os seguintes aspetos:

- a) as sessões decorreram de forma dinâmica, harmoniosa, proveitosa e gratificante, tendo os formandos demonstrado muito interesse na resolução de tarefas e, ainda, muita vontade em aprender novas ferramentas e metodologias;

- b) os formandos desenvolveram competências com os seus alunos pensando no futuro, ou seja, criando, por exemplo, portefólios e blogs úteis e passíveis de serem utilizados;
- c) as formações neste domínio contribuíram positivamente para que os formandos refletissem sobre a importância das tecnologias no contexto educativo, incluindo o recurso a ferramentas de comunicação e ferramentas de produção, incluindo portefólios digitais, robots, ferramentas Google, etc;
- d) verificou-se uma natureza, sobretudo, prática das formações, pela realização, exploração e discussão de projetos envolvendo as ferramentas digitais a trabalhar e a sua articulação com diferentes áreas disciplinares, bem como o desenvolvimento, em trabalho autónomo ou colaborativo, de projetos em contexto de ensino/aprendizagem;
- e) ao nível das ações em regime *b-learning*, foram realizadas várias atividades práticas e reflexivas no decorrer das mesmas, utilizando-se a metodologia “learn by example”, o que permitiu consubstanciar a filosofia que esteve sempre presente de “aprender, fazendo”;
- f) verifica-se o desenvolvimento de competências ao nível da concepção e implementação de estratégias práticas e multidisciplinares e transversais aos vários saberes, que promovam uma pedagogia baseada no pensamento computacional.

Numa das formações, “Avaliação pedagógica - recurso a tecnologia digital”, o formador destaca que “a ação teve um carácter fundamentalmente reflexivo e experiencial pelo que foram privilegiados os debates e a partilha de experiências em sessão plenária” (FORMADOR 5), mas que

foram experienciadas novas abordagens pedagógicas, novos recursos avaliativos e, sobretudo, uma nova visão do ato de aprender e do ato de avaliar. Conceberam projetos de intervenção em sala de aula, centrados nas áreas dos diferentes professores e contextos, aplicando os diferentes tipos e modos de avaliação, individuais e para grupos. Os formandos elaboraram instrumentos de apoio à avaliação, em trabalho colaborativo de acordo com as suas necessidades. Construíram instrumentos adequados, utilizando as ferramentas digitais inovadoras e atrativas, tornando os alunos ativos e participativos. (FORMADOR 5)

Por outras palavras, verifica-se o cumprimento do ciclo de ação-reflexão-nova ação refletida de Freire (Cruz, 2011), ou seja, o estímulo ao recurso a uma metodologia de investigação-ação, conforme indicado no relatório criado por este formador.

No caso da formação “Robótica educativa e pensamento computacional na educação pré-escolar”, é de ressaltar que se apelou

para a importância da transversalidade das áreas que constam nas Orientações Curriculares do Pré-escolar, quer na exploração de atividades de aprendizagem apelativas ao pensamento computacional, com recurso ou não a tecnologia; quer nas atividades com recurso à programação através da exploração de atividades constantes na comunidade Hour of Code (www.code.org); assim como, na exploração dos robôs educativos (Coko, Doc e Mind da Clementoni) (FORMADOR 8).

Contudo, o formador revela ainda um aspeto negativo, isto é, considera que uma vez que os formandos não tinham a certificação digital de nível 1 revelaram as seguintes dificuldades: “dificuldades em participar nas sessões *on-line*, quer em conectar-se a uma videochamada, quer em cumprir com aquilo que é solicitado no desenrolar da sessão síncrona, originando alguns constrangimentos.” (FORMADOR 8).

Por último, tendo em conta as ações de índole mais específica, como “TinkerCad - Introdução à Impressão 3D”, verificamos que os relatórios dos formadores refletem muitos dos aspetos de que demos conta anteriormente, nomeadamente: a) a importância do trabalho de tutoria praticado pelo formador durante todo o período de formação que privilegiou o reforço constante da autonomia dos formandos na realização dos trabalhos sugeridos; b) a pertinência da reflexão em grande grupo e a necessidade e eficácia de um trabalho colaborativo entre os intervenientes para a (re)construção de conhecimento teórico-prático em apreço.

4. Avaliação pós-formação dos impactos da formação

No âmbito deste ponto, foi realizado no dia 31 de maio de 2023 um GF com representantes de Departamento de diferentes AE, representantes das Secção de Formação e Monitorização, formandos/as e formadores/as, com o fim de partilhar representações sobre as questões evidenciadas no Anexo 8, que se trata de uma apresentação que pretendia despoletar questionamentos e discussão. Participaram neste GF 31 pessoas.

No que diz respeito ao primeiro grupo de questões, “*Como foi desenvolvido o Plano de ação para o desenvolvimento digital (PADDE)? Qual o procedimento na elaboração do PADDE por parte das equipas do desenvolvimento digital (EDD)? Como é que esta equipa funcionou?*”, começou por intervir uma docente do AE da Arrifana que mencionou que os docentes foram ouvidos e as propostas foram levadas ao Conselho Pedagógico, pelo que muitas das ações de formação dão respostas diretas a necessidades do AE. É o caso da ação relacionada com o tema da avaliação que se prendeu com a criação de instrumentos de avaliação digitais, ou seja, “criação de instrumentos online de avaliação”.

Quanto ao AE de Escariz, um membro da secção de formação referiu como uma mais valia a ação que se prende com o processo de monitorização e de avaliação pedagógica para melhoria das práticas, projetos de intervenção, etc., no âmbito do projeto MAIA. Sinalizou ainda que tem vindo a haver um claro investimento por parte do CFAE em entrar em colaboração com os AE, no sentido de dar respostas prementes de cada um dos AE.

Uma outra docente, também membro da secção de formação, referiu que, no caso da capacitação digital, estão-se a repetir neste momento os testes SELFIE para fazer a verificação dos níveis conseguidos pelos formandos. Verifica-se, pois, uma inequívoca e significativa evolução ao nível da proficiência digital por parte dos docentes do seu AE.

Vários docentes indicaram que os Educadores de Infância não estavam contemplados ao nível da capacitação digital, ao nível da primeira fase. Contudo, nesse momento inicial, o CFAE criou as condições para que estes tivessem acesso a formação no âmbito da capacitação digital. Estas iniciativas culminaram inclusive em projetos de investigação-ação, validados cientificamente por entidades externas, nomeadamente por parte da Universidade de Aveiro, como é o caso do referencial para a implementação da Robótica e pensamento computacional para o pré-escolar e 1.º CEB, que surgiu no âmbito de uma das formações criadas ao nível dos 20% de respostas locais.

No que diz respeito ao segundo grupo de questões, *"Para a dinamização das oficinas de capacitação digital dos níveis 1, 2 e 3 foram definidas turmas em função do resultado do questionário check-in. Como é que acham que este processo se desenvolveu? A definição do nível de competência digital foi linear? Foram feitos ajustes aos níveis de competência digital do formando em função do resultado do check-in? Como foram organizadas as turmas de formação? Os professores reconhecem a importância deste movimento do digital nas escolas?"*, uma docente do AE Oliveira Júnior indicou que o PADDE permitiu balizar as ações que deveriam ser feitas e levadas a cabo no AE a que pertence. Por outras palavras, ainda há um caminho a fazer, mas estes dois anos permitiram aplicar vários tipos de ações. Houve uma colaboração ao nível de várias estruturas inter e intra-AE.

Sendo a capacitação digital transversal e, ao mesmo tempo, direcionada para cada uma das áreas disciplinares, parece que cada ação respondeu a necessidades sentidas nos AE. Estas funcionaram como trampolim para potenciar aprendizagens noutros domínios, como é o caso do tema "avaliação", sinalizado como uma das necessidades mais prementes.

Contrariamente a outros CFAE, o CFAE de Terras de Santa Maria respeitou os níveis de proficiência determinada pelas respostas ao SELFIE. Quanto às pessoas que frequentaram a segunda formação, verificou-se também uma evolução natural de competências.

Outra docente, pertencente à secção de formação e monitorização, mencionou que existem colegas que ainda não frequentaram nenhuma ação de capacitação. Alguns inscreveram-se pois tinham necessidade de fazer formação para progressão. Outros não se inscreveram pois não tinham necessidade de formação. Também ouviu alguns comentários de colegas que sentem necessidade do presencial, pois a partilha com os pares é mais efetiva neste formato. Há alguns sentimentos de desigualdade, pois alguns formandos não se estavam no mesmo estado de desenvolvimento de competências e apropriação de conteúdos. Contudo, sentiu que estas dificuldades foram colmatadas.

Quanto ao AE João da Silva Correia, uma docente mencionou que possivelmente alguns colegas não frequentaram esta ação pois "acreditam que ainda não foram chamados" (DOCENTE 17). Também ressaltou que, na turma de capacitação de nível II, as ferramentas trabalhadas foram ao encontro das necessidades. De qualquer forma, mesmo depois da avaliação inicial, algumas pessoas não estão propriamente no mesmo patamar. O nível híbrido também lhe parece preferível, mas para os momentos mais práticos é mais recomendável o regime presencial. Não lhe parece boa ideia apostar no modelo

totalmente a distância, o que está em consonância com as representações partilhadas pelos formandos nos IQ. Considera, de facto, que especialmente no arranque da formação as ações presenciais são muito relevantes.

Por sua vez, no AE Serafim Leite, uma formanda que frequentou a ação "Avaliação pedagógica - recurso a tecnologia digital" sinalizou que esta decorreu muito bem e prefere o regime online, ainda que algumas sessões devam ser presenciais.

Passando para o grupo de questões 3, "*Como funcionou a implementação das ações? Constrangimentos? As ações decorreram online ou presencial? As escolas dispõem, atualmente, de recursos suficientes que permita a transformação digital das práticas docentes?*", os inquiridos sinalizaram que ao início foi difícil a implementação das ações devido à falta de equipamentos. Os docentes ainda não tinham recebido os seus equipamentos quando tiveram início as ações de capacitação. Também mencionaram que a assistência aos computadores, sempre que estes avariavam, é morosa e, ainda, que há problemas graves ao nível da conexão da internet.

Outro grupo de docentes menciona que, na sua maioria, as ações decorreram em regime de *b-learning*. O CFAE criou as condições ideais para a realização de trabalho em *b-learning*, sendo que cada formador tem uma licença para uso da plataforma Zoom. A hibridização dos processos revelou-se como uma mais valia, pois como uma formanda indicou é "agradável poder estar em casa, no meu território, dar e ter formação. Foi uma caminhada que se fez" (DOCENTE 23)

Uma outra docente do AE Serafim Leite, formanda, mencionou que a formação intitulada "Robótica educativa e pensamento computacional na educação pré-escolar e no 1º Ciclo" foi uma mais-valia. A formação prevista foi mais estendida no tempo, o que acabou por se revelar profícuo para provocar uma análise de práticas aplicadas com recurso ao robot. Há uma preocupação com a divulgação e cientificidade do projeto. Há, ainda, que ressaltar que, pensando no novo programa da matemática, que prevê o desenvolvimento do pensamento computacional, este projeto foi muito relevante tanto para alunos como para professores.

Por último, quanto ao grupo de questões quatro, "*Consideram que há já um impacto visível na mudança de práticas, metodologias de ensino, por parte dos docentes nas vossas escolas? É visível o trabalho colaborativo, a partilha de aprendizagens e de materiais entre docentes? Por exemplo através da disseminação de práticas pedagógicas? Que outros efeitos esta formação terá surtido no desenvolvimento dos formandos?*", uma formanda começou por partilhar que as ações que tinham que ver com programação foram muito importantes, pois é a coordenadora do projeto Ciência Viva na sua escola. A partir da sua participação nestas ações, foi criado o clube da Robótica e está a ser dinamizado, incluindo alunos do 3º CEB e Ensino Secundário. Existem alunos que estão motivados para seguir esta área, ao nível do prosseguimento de estudos. Foram também comprados materiais inovadores que alavancam estes processos.

Em termos dos AE verifica-se realmente colaboração entre docentes. Há uma partilha muito grande, ainda que informal. Os colegas entrem ajudam-se na execução dos trabalhos.

Quanto ao impacto em sala de aula, consideram que “é muito difícil de aferir neste momento. Ainda é prematuro avaliar estes aspetos neste momento” (DOCENTE 28). Contudo, há que sinalizar que em alguns departamentos verifica-se a existência de um ponto na ordem de trabalhos referente a partilha de boas práticas. Tal foi instituído tendo como estímulo as ações de capacitação.

Uma outra formanda indicou um exemplo referente à digitalização de práticas. Neste caso, foram elaborados cartazes em formato digital, evitando o desperdício de materiais físicos. Uma formadora mencionou, ainda, que o formato quinzenal da formação permitia que os formandos partilhassem dúvidas. Os alunos perguntavam a alguns dos seus formandos se os professores teriam formação nessa semana. Isto está em conformidade com as representações partilhadas pelos formandos, esboçadas no subcapítulo anterior.

Considerações finais: pontos fortes e pontos aperfeiçoáveis

Dado o enraizamento das boas práticas já existentes no CFAE das Terras de Santa Maria, que devem ser mantidas e reforçadas, o que a seguir relevamos sinteticamente como pontos fortes e áreas de melhoria poderá constituir-se como um momento de reflexão a realizar nos seus órgãos e estruturas e servir de estímulo ao desenvolvimento da sua estratégia e práticas formativas:

Pontos fortes

- Notam-se alguns impactos efetivos nas práticas, tanto ao nível de abordagens e estratégias digitais em situação de sala de aula, como ao nível de conceção de projetos que continuam pós-aulas e que envolvem alunos;
- Verifica-se um verdadeiro atendimento às necessidades de formação sentidas pelos AE, ainda que tenha havido financiamento apenas para ações que se debruçam sobre o digital;
- É de ressaltar o desenvolvimento de processos reflexivos, sentidos de forma transversal em todas as formações, como trampolim para a criação de salas de aulas inovadoras e transformadoras;
- O fomento de práticas de investigação-ação e assentes na busca de soluções validadas cientificamente para situações-problema revela-se como algo muito profícuo para a indução de mudança de práticas de forma fundamentada;
- O desenvolvimento das ações em formato *b-learning* fortalece o desenvolvimento de competências digitais de forma ainda mais profunda;
- É interessante verificar-se que se desenvolvem práticas de formação relacionadas com capacitação digital a um nível interinstitucional (entre diferentes AE), em que docentes de diferentes grupos disciplinares tiveram oportunidade de partilhar boas práticas no território abrangido pelo CFAE das Terras de Santa Maria.

Pontos aperfeiçoáveis

1. É recomendável que os docentes sejam dispensados de componente letiva para a realização de formação, pois o cansaço ao final do dia ou da semana impera entre a classe docente, o que não lhes permite usufruir da forma mais eficaz das aprendizagens realizadas na formação;
2. É necessária uma aposta em mais formação relacionada com o papel das artes, pela sua transversalidade e pela provocação de processos de natureza interdisciplinar e transdisciplinar que estas permitem, nomeadamente no âmbito de uma educação STEAM.

A ESE/PP está ao dispor para o esclarecimento de dúvidas ou questões que decorram do processo de monitorização e dos resultados desse processo apresentados neste relatório, num espírito de participação e responsabilização, no sentido de garantir a qualidade dos serviços prestados à comunidade relativamente à formação.

Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, 16 de junho de 2023.

Referências

Baudelot, C. and R. Establet (1994). *O nível educativo sobe*. Porto, Porto Editora.

Brito, C. (1998). *Gestão Escolar Participada: na escola todos somos gestores*. Lisboa, Texto Editora.

Canha, M. (2013). *Colaboração em didática - Utopia, desencanto e possibilidade*. Aveiro, Universidade de Aveiro.

Castro, J. and M. Marques (2015). "Colaboração entre professores e autoeficácia docente: Que relações?". *Revista Portuguesa de Educação*, 28(2): 87-109.

Conselho de Ministros (2020). Resolução do Conselho de Ministros n° 30/2020. Diário da República n.º 78/2020, Série I de 2020-04-21. <https://dre.pt/dre/detalhe/resolucao-conselho-ministros/30-2020-132133788>

Cruz, M. (2011). *Consciência cultural crítica numa comunidade virtual educativa de línguas* [Universidade de Aveiro]. Aveiro. <http://repositorio.esepf.pt/handle/123456789/1487>

Cruz, M. and E. Orange (2016) 21st Century Skills in the Teaching of Foreign Languages at Primary and Secondary Schools. *Turkish Online Journal of Educational Technology Special Issue for IETC, ITEC, IDEC, ITICAM 2016*, 1-12

Gaudreau, N., et al. (2013). "Classroom behaviour management: the effects of in-service training on elementary teachers' self-efficacy beliefs." *Journal of Education*, 48(2): 359-382.

Lucas, M., & Moreira, A. (2018). *DigCompEdu: Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores*. Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/24983>.

Panayiotis, A. and K. Leonidas (2013). "A Dynamic Integrated Approach to teacher professional development: Impact and sustainability of the effects on improving teacher behaviour and student outcomes." *Teaching and Teacher Education*, 29, 1-12.

Anexos

Anexo 1 - AE pertencentes ao CFAE das Terras de Santa Maria e seus PE

Agrupamentos	Escolas	Ligação para Projeto Educativo
AE António Alves Amorim	EB23 António Alves Amorim EB1/JI Aldeia Nova EB1/JI Casal Meão EB1/JI Fonte Seca EB1/JI Dr. Sérgio Ribeiro EB1/JI Prime EB1/JI Sobral EB1 Vergada	https://aeaaamorim.pt/wp-content/uploads/2020/02/Projeto-Educativo.pdf
AE Coelho e Castro	EBS Coelho e Castro EB1 de Caldelas- Caldas de S. Jorge EB1 de Chão do Rio EB1 da Avenida EB1 de Vendas Novas JI de Arcozelo- Caldas S. Jorge JI de Igreja - Caldas S. Jorge JI de Chão do Rio - Fiães JI da Avenida - Fiães JI de Vendas Novas - Fiães	https://www.aecoelhocastro.pt/images/Documentos/DocOrientadores/Projeto_educativo_2018-2021-Aprovado2018-07-26.pdf
AE Corga do Lobão	EB23 da Corga de Lobão CE da Igreja Lobão CE de Louredo EB1 do Candal EB1 Beira-Gião EB1 Igreja-Guisande EB1 Póvoa- Vale EB1 Viso-Guisande JI Aldeia Nova-Lobão JI Candal-Lobão JI de Fornos Guisande JI do Ribeiro-Lobão JI Igreja- Guisande JI Igreja-Giã JI Pessegueiro-Vale JI Póvoa nº 1 Vale JI Póvoa nº2 Vale	https://aecorga.pt/?home=20200809105007
AE de Argoncilhe	EB23 de Argoncilhe EB1 de Aldriz EB1 de Arraial EB1 de Carvalhal EB1 de Pousadela EB1 de S. Domingos EB1 de Souto JI de Aldriz JI de Igreja JI de Ordonhe JI de S. Domingos	http://agrupamento-argoncilhe.edu.pt/Argoncilhe/Documentos/ProjetoEducativo2019-22.pdf

Agrupamentos	Escolas	Ligação para Projeto Educativo
AE de Arrifana	EBS de Arrifana JI de Fontainhas JI de Manhouce EB1/JI de Bairro EB1 de Outeiro EB1/JI de Santo de António EB1 de Igreja JI de Pereiro EB1 de Igreja EB23 de Milheirós de Poiães JI de Bajouca EB1 de Cimo de Aldeia JI de Goim EB1 de Igreja	https://agrupamentoarrifana.com/proj_educativo/
AE de Canedo	JI de Igreja JI de Areja EB de Canedo EB1 da Presinha EB1 de Sante EB23 de Canedo	https://www.aecanedo.pt/images/pdf/Projeto_Educativo_2019_Final.pdf
AE de Castelo de Paiva	EBS de Castelo de Paiva EB1 de Adro EB1 de Cepa EB1 de Cruz da Agra EB1 de Oliveira de Reguengo EB1 de Pereire EB1 de Sá EB1 de São Lourenço EB n.º 1 de Castelo de Paiva EB n.º 2 de Castelo de Paiva JI de Adro JI de Crava JI de Fornos JI de Ladroeira JI de Nojões JI de S. Geão JI de Vila Verde JI de Vista Alegre	https://agrupamentoescolascp.pt/ficheiros/d76160AXgXutVZfu.pdf
AE de Couto Mineiro do Pejão	EB23 Couto Mineiro EB1 Oliveira Arda JI Oliveira Arda EB1 Picão EB1/JI Serradelo EB1/JI Raiva EB1/JI Póvoa EB1 Casal Renda JI S.P. Paraíso	https://drive.google.com/file/d/1-AnVMp6F3_hhUle3t2AxPoZDg7lphwmC/view
AE de Escariz	EBS de Escariz EB1 de Chave JI de Belece EB1 de Fermêdo EB1 de Serra da Vila	https://site.aeescariz.com/wp-content/uploads/2022/12/PE_2022-2026-CP_CG_Aprovado_AEEscariz.pdf
AE de Paços Brandão	EB23 de Paços de Brandão EB1 da Igreja de Paços de Brandão EB1 da Póvoa JI da Portela Escola Básica da Igreja de São Paio de Oleiros JI da Lapa JI da Quebrada Escola Básica N.º1 de Santa Maria de Lamas EB N.º3 de Santa Maria de Lamas EB1 do Outeiro EB1 de Santo António	https://aepacosbrandao.pt/moodle30/pluginfile.php/880/mod_resource/content/1/Projeto_Educativo_2018.2021.pdf

Agrupamentos	Escolas	Ligação para Projeto Educativo
AE de Santa Maria da Feira	ES de Santa Maria da Feira EB1 Aldeia - Sanfins EB1 Farinheiro EB1 Ribeiro EB1 São João de Ver EB1 Souto Redondo EB/JI Cavaco EB23 Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida JI Gândara - Sanfins	https://ae-smfeira.pt/documentos/
AE de Fernando Pessoa	EB23 Fernando Pessoa EB1 de Badoucos EB1 de Espargo EB da Feira, nº 1 EB da Feira, nº 2 EB1 de Mieiro EB1 de Milheirós EB1 de Mosteirô EB1 de Outeiro EB1 de Valrico JI da Cruz JI de Macieira JI de Outeiro JI de Padrão JI de Tarei	https://aefernandopessoa.edu.pt/documentos/orientadores/Projeto_Educativo.pdf
AE de João da Silva Correia	ES João da Silva Correia EB do 2º e 3º Ciclos EB1/JI de Carquejido EB1/JI de Casaldelo EB1/JI Conde Dias Garcia EB1/JI das Fontainhas EB1/JI do Parrinho	https://aejsc.pt/wp-content/uploads/ProjetoEducativo_VFinal_alternovembro22.pdf
AE Oliveira Júnior	EBS Oliveira Júnior EB1 Ribeiros EB1 Espadanal JI Travessas JI Devesa	https://drive.google.com/file/d/15ZNTZrQWQ_3Ja3OXV4SdY34A4obXXkz_/view
AE Dr. Serafim Leite	EBS Serafim Leite EB1 de Fundo da Vila EB1 do Parque	http://essl.pt/images/29_07_2020_PE_merged_compressed.pdf

Anexo 2 - Plano de formação do CFAE das Terras de Santa Maria



AÇÕES DE FORMAÇÃO

Total de Registos: 138

PÁG. 1/7

PESQUISAR EM

ANO LETIVO



2021

ID	AÇÃO	MODALIDADE	GRUPO	HR.CONJ.	TURMA	DT.INI.	ANO LET.
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	8	2022-07-25	2021/2022
370	A TRANSVERSALIDADE DO PADDE: MOMENTOS DE PARTILHA.	ACD	DOCENTES	4H	1	2022-07-18	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	7	2022-07-18	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	6	2022-07-13	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	5	2022-07-12	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	4	2022-07-11	2021/2022
368	PREVENÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	1	2022-06-01	2021/2022
367	PREVENÇÃO EM CONTEXTO ESCOLAR	CURSO	DOCENTES	15H	1	2022-06-01	2021/2022
353	ESTRATÉGIAS DE CAPACITAÇÃO E MOTIVAÇÃO DOS DOCENTES PARA A TRANSIÇÃO DIGITAL	CURSO	DOCENTES	25H	2	2022-05-09	2021/2022
369	O PROJETO MONITORIZAÇÃO, ACOMPANHAMENTO E INVESTIGAÇÃO EM AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA (MAIA) PARA UMA MELHORIA DAS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS - ACD3_1	ACD	DOCENTES	3H	1	2022-04-27	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	2	2022-04-12	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	1	2022-04-11	2021/2022
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	3	2022-04-11	2021/2022
344	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES em NÍVEL 2	OFICINA	DOCENTES	25H	11	2022-03-31	2021/2022
334	FERRAMENTAS DIGITAIS - A BIBLIOTECA ESCOLAR PROMOTORA DE RECURSOS DIDÁTICOS	OFICINA	DOCENTES	25H	3	2022-03-23	2021/2022
344	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES em NÍVEL 2	OFICINA	DOCENTES	25H	15	2022-03-22	2021/2022
328	PARA UMA FUNDAMENTAÇÃO E MELHORIA DAS PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA: PROJETOS DE INTERVENÇÃO NOS DOMÍNIOS DO ENSINO E DA AVALIAÇÃO	OFICINA	DOCENTES	25H	3	2022-03-17	2021/2022
362	O TEATRO em A ARTE DA INTERPRETAÇÃO NA EDUCAÇÃO	OFICINA	DOCENTES	25H	1	2022-03-08	2021/2022
353	ESTRATÉGIAS DE CAPACITAÇÃO E MOTIVAÇÃO DOS DOCENTES PARA A TRANSIÇÃO DIGITAL	CURSO	DOCENTES	25H	1	2022-03-07	2021/2022
344	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES em NÍVEL 2	OFICINA	DOCENTES	25H	14	2022-03-03	2021/2022

Total de Registos: 155
PÁG. 1/8
PESQUISAR EM

ANO LETIVO



2022

ID	AÇÃO	MODALIDADE	GRUPO	HR.CONJ.	TURMA	DT.INI.	ANO LET.
401	EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS	ACD	DOCENTES	3H	1	2023-05-31	2022/2023
378	AS LIDERANÇAS NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES EDUCATIVOS INCLUSIVOS	CURSO	DOCENTES	25H	2	2023-04-27	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	6	2023-04-20	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	9	2023-04-18	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	7	2023-04-17	2022/2023
387	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	NÃO DOCENTES	25H	4	2023-04-17	2022/2023
397	EDUPAC	ACD	DOCENTES	6H	1	2023-04-13	2022/2023
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	10	2023-04-06	2022/2023
391	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 2"	OFICINA	DOCENTES	25H	4	2023-04-03	2022/2023
334	FERRAMENTAS DIGITAIS - A BIBLIOTECA ESCOLAR PROMOTORA DE RECURSOS DIDÁTICOS	OFICINA	DOCENTES	25H	5	2023-03-30	2022/2023
392	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 3"	OFICINA	DOCENTES	25H	3	2023-03-28	2022/2023
398	A AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA COMO PROCESSO DE REGULAGEM E MELHORIA	ACD	DOCENTES	3H	1	2023-03-15	2022/2023
390	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 1"	OFICINA	DOCENTES	25H	4	2023-03-09	2022/2023
391	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 2"	OFICINA	DOCENTES	25H	2	2023-03-06	2022/2023
400	O PAPEL DO/A EDUCADOR/A DE INFÂNCIA NA PROMOÇÃO DA IGUALDADE	ACD	DOCENTES	4H	1	2023-03-06	2022/2023
388	CRIAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM INCLUSIVOS E INOVADORES	CURSO	NÃO DOCENTES	25H	1	2023-03-02	2022/2023
380	CRIAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM INCLUSIVOS E INOVADORES	OFICINA	DOCENTES	25H	2	2023-03-02	2022/2023
394	PRÁTICAS DIGITAIS DOS JOVENS - RISCOS E DEPENDÊNCIAS, PERSPETIVAS E ESTRATÉGIAS DE AÇÃO	CURSO	NÃO DOCENTES	16H	1	2023-02-28	2022/2023
378	AS LIDERANÇAS NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES EDUCATIVOS INCLUSIVOS	CURSO	DOCENTES	25H	1	2023-02-23	2022/2023
395	AValiação EXTERNA: OBSERVAR E CLASSIFICAR	ACD	DOCENTES	3H	1	2023-02-14	2022/2023

Total de Registos: 90

PÁG. 1/5

PESQUISAR EM

ANO LETIVO

2023

ID	AÇÃO	MODALIDADE	GRUPO	HR.CONJ.	TURMA	DT.INI.	ANO LET.
387	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	NÃO DOCENTES	25H	2	2023-09-18	2023/2024
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	4	2023-09-18	2023/2024
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	2	2023-09-18	2023/2024
378	AS LIDERANÇAS NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES EDUCATIVOS INCLUSIVOS	CURSO	DOCENTES	25H	3	2023-09-18	2023/2024
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	8	2023-09-18	2023/2024
387	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	NÃO DOCENTES	25H	3	2023-09-18	2023/2024
401	EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS	ACD	DOCENTES	3H	1	2023-05-31	2022/2023
378	AS LIDERANÇAS NA PROMOÇÃO DE AMBIENTES EDUCATIVOS INCLUSIVOS	CURSO	DOCENTES	25H	2	2023-04-27	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	6	2023-04-20	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	9	2023-04-18	2022/2023
379	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	DOCENTES	25H	7	2023-04-17	2022/2023
387	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS EM SALA DE AULA	CURSO	NÃO DOCENTES	25H	4	2023-04-17	2022/2023
397	EDUPAC	ACD	DOCENTES	6H	1	2023-04-13	2022/2023
366	NOÇÕES BÁSICAS DE INFORMÁTICA	CURSO	NÃO DOCENTES	15H	10	2023-04-06	2022/2023
391	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 2"	OFICINA	DOCENTES	25H	4	2023-04-03	2022/2023
334	FERRAMENTAS DIGITAIS - A BIBLIOTECA ESCOLAR PROMOTORA DE RECURSOS DIDÁTICOS	OFICINA	DOCENTES	25H	5	2023-03-30	2022/2023
392	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 3"	OFICINA	DOCENTES	25H	3	2023-03-28	2022/2023
398	A AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA COMO PROCESSO DE REGULAGEM E MELHORIA	ACD	DOCENTES	3H	1	2023-03-15	2022/2023
390	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 1"	OFICINA	DOCENTES	25H	4	2023-03-09	2022/2023
391	CAPACITAÇÃO DIGITAL DE DOCENTES "NÍVEL 2"	OFICINA	DOCENTES	25H	2	2023-03-06	2022/2023

Anexo 3 - Lista de ações monitorizadas

Fase 1

ID#	ação	turma	destinatários	modalidade	fim
342	Robótica educativa e pens. comp. na ed. pré-esc.	2	educadores de infância	oficina	16/12/2021
343	Capacitação digital de docentes, nível 1	2	docentes de línguas	oficina	22/06/2021
340	Plano de ação para o des. dig. das escolas	2	equipas de desenv. digital (vários grupos)	curso	22/06/2021
344	Capacitação digital de docentes, nível 2	1	1º ciclo	oficina	24/06/2021
344	Capacitação digital de docentes, nível 2	26	Docentes dos ens. bás. e sec (salada russa)	oficina	7/04/2022
350	Tinkerkad	1	Docentes dos grupos 240, 530, 540 e 550	curso	17/11/2021
352	O Excel-uma ferramenta pedagógica	1	todos	curo	4/12/2021

Fase 2

Nº	TURMA	AÇÃO	Formador	
353	2	Estratégias de capacitação e motivação dos docentes para a transição digital	Maria de Lurdes Gomes Neves	9/05/22 a 27/06/22
371	1	Aplicações de gestão informática	Rui Alexandre da Rocha Gonçalves Pereira	13/09/22 a 20/12/22
344 (391)	27 (1)	Capacitação digital de docentes-nível II	Jorge Amadeo Sousa Correia	24/10/22 a 19/12/22
376	1	Criação de instrumentos online de avaliação	Rogério Paulo Magalhães Correia	9/11/22 a 14/12/22
357	3	Avaliação pedagógica-recurso a tecnologia digital	Fernando Melo Lima	18/01/23 a 29/03/23
390	3	Capacitação digital de docentes-nível I	Paulo Jorge Martins Moreira	17/01/23 a 18/04/23
391	8	Capacitação digital de docentes-nível II	Manuel Rodrigues Borges da Silva	16/01/23 a 15/05/23
342	3	Robótica educativa e pensamento computacional na educação pré-escolar e no 1º ciclo.	Simone da Fonte Ferreira	19/01/23 a 11/05/23

Anexo 4 - Guião da entrevista ao diretor do CFAE

	Questão	Indicadores
1	Quais são as necessidades de formação diagnosticadas neste novo período? Em termos gerais, qual a sua natureza e enfoques principais neste novo período? Como foi construído o plano de	Programas Educativos dos AEs Necessidades diagnosticadas verticalmente e horizontalmente
2	Houve uma evolução qualitativa ou quantitativa da formação? Houve um aumento significativo no número de ações? Ou crê que isto não foi substancial mas sim a qualidade melhorou (estará mais focada nas necessidades dos professores?). O plano de formação em vigor dá verdadeiramente resposta aos Projetos Educativos dos AE e Escolas não agrupadas?	Comparação com procedimentos de ciclo anterior Mecanismos de seleção Prioridades a ter em conta
3	De forma geral, a seu ver, quais são os principais objetivos do plano de formação? Quais as áreas prioritárias?	Questionários de avaliação Relatório do formando Relatório do formador
4	Que instrumentos de auto-avaliação e heteroavaliação existem em vigor neste momento? Estes sofreram alterações desde o último ciclo de formação?	Formação como resposta real a problemas e necessidades diagnosticadas Aumento ou diminuição do número de ações
5	Existem alguns constrangimentos associados à consecução do plano de formação? Que aspetos positivos e que aspetos aperfeiçoáveis gostaria de sinalizar?	Antecipação de problemas Problemas já diagnosticados

Anexo 5 - Exemplo de questionário de avaliação das ações

AVALIAÇÃO DA AÇÃO

A avaliação das ações de formação é um procedimento indispensável para o aperfeiçoamento da prática formativa, visando conhecer o grau de satisfação dos formandos, bem como o cumprimento dos objetivos que com ela se pretendem atingir. Solicitamos, assim, a sua colaboração no preenchimento deste questionário, de forma **sincera e objetiva**, garantindo o **anonimato e confidencialidade das respostas dadas**. Nas questões de opinião, selecione a opção que considere mais correta, sendo o **1 a opção menos valorizada e o 5, a mais valorizada**.

As questões assinaladas com * são de preenchimento obrigatório.

IDENTIFICAÇÃO DA AÇÃO

Nome.....

Formador.....

Local e data.....

GRAU ACADÉMICO:

SEXO: Masculino Feminino

* 1. INSTALAÇÕES	1	2	3	4	5
1.1. Qualidade das instalações.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.2. Equipamento técnico disponível.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 2. OBJETIVOS E CONTEÚDOS DO CURSO	1	2	3	4	5
2.1. Foram atingidos os objetivos.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.2. Os objetivos estão ajustados às minhas necessidades formativas....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.3. Os conteúdos foram abordados na totalidade.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.4. Os conteúdos têm utilidade na minha prática profissional.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 3. FORMA COMO DECORREU A FORMAÇÃO	1	2	3	4	5
3.1. Participação dos formandos.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2. Reflexão sobre as práticas profissionais.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3. Gestão adequada do tempo.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4. Métodos de trabalho adequados.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.5. Ambiente de trabalho motivador.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
* 4. O FORMADOR	1	2	3	4	5
4.1. Cumprimento do programa.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2. Domínio dos assuntos tratados.....	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

- 4.3. Capacidade de comunicação..... 1 2 3 4 5
- 4.4. Metodologias e actividades propostas..... 1 2 3 4 5
- 4.5. Relacionamento com os formandos..... 1 2 3 4 5
- 4.6. Pertinência da documentação entregue..... 1 2 3 4 5
- 4.7. Pontualidade..... 1 2 3 4 5

*** 5. ORGANIZAÇÃO DA FORMAÇÃO** **1 2 3 4 5**

- 5.1. Horário em que decorreu a formação..... 1 2 3 4 5
- 5.2. Duração das sessões..... 1 2 3 4 5
- 5.3. Acompanhamento do Centro de Formação..... 1 2 3 4 5
- 5.4. Duração da formação..... 1 2 3 4 5

*** 6. MOTIVOS DE FREQUÊNCIA DA FORMAÇÃO** **1 2 3 4 5**

- 6.1. Obtenção de formação para avaliação/progressão na carreira..... 1 2 3 4 5
- 6.2. Aperfeiçoamento da prática pedagógica..... 1 2 3 4 5
- 6.3. Partilha de experiências pedagógicas..... 1 2 3 4 5
- 6.4. Resposta ao projecto educativo de escola..... 1 2 3 4 5

*** 7. IMPLICAÇÃO NA PRÁTICA PROFISSIONAL** **1 2 3 4 5**

- 7.1. Contributos da ação para a melhoria da minha atividade profission..... 1 2 3 4 5

*** 8. CLASSIFICAÇÃO GLOBAL DA AÇÃO** **1 2 3 4 5**

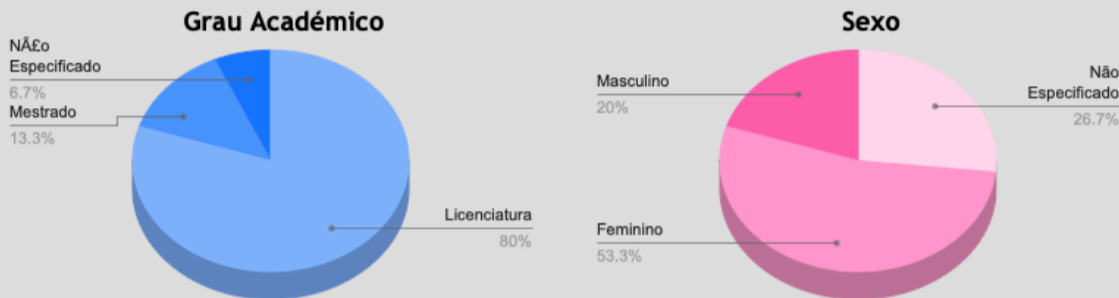
- 8.1. Classifique globalmente a ação..... 1 2 3 4 5

9. COMENTÁRIOS E SUGESTÕES

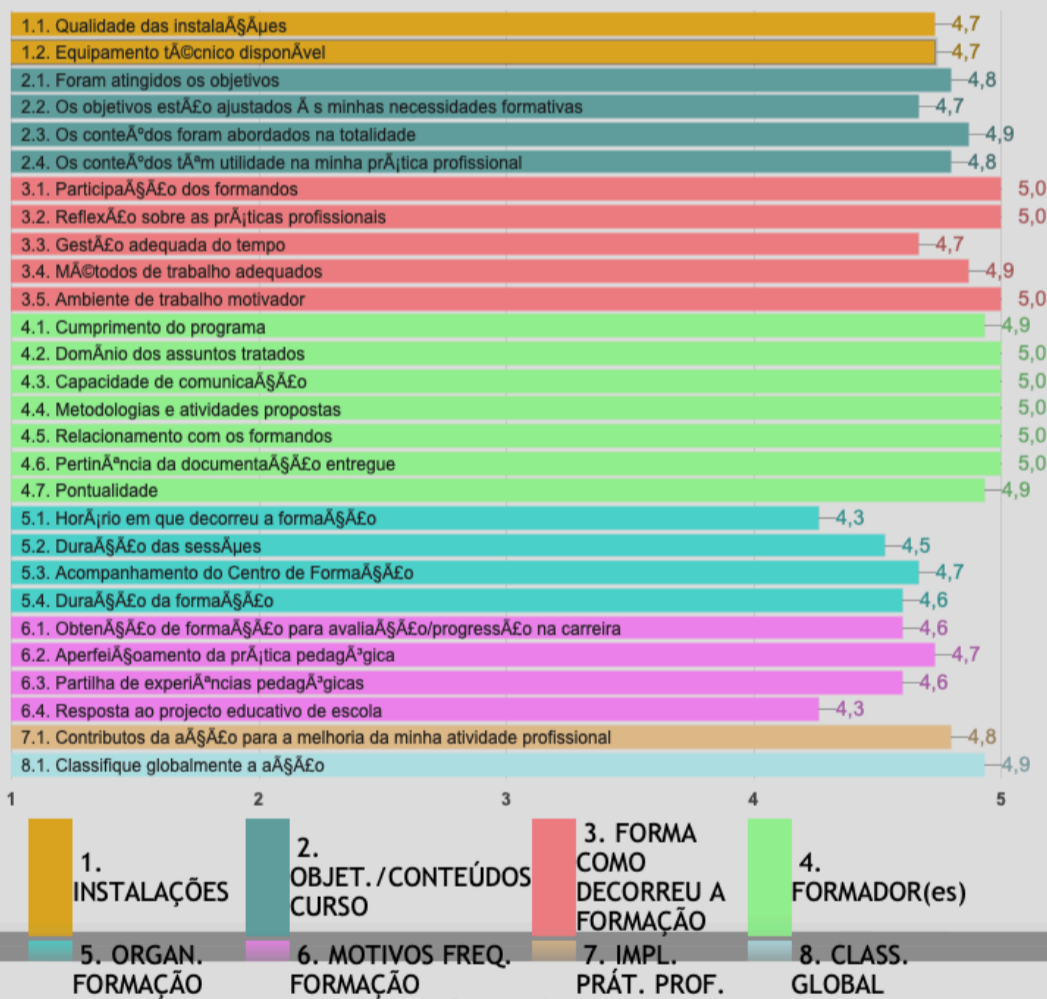
Anexo 6 - Exemplo de dados de avaliação de uma ação obtidos na plataforma do CFAE das Terras de Santa Maria

Avaliação da Ação n.º 353
ESTRATÉGIAS DE CAPACITAÇÃO E MOTIVAÇÃO DOS DOCENTES PARA A TRANSIÇÃO DIGITAL (Turma 2)
 Local: ESCOLA BÁSICA DE ARRIFANA
 Início: 2022-05-09 Fim: 2022-06-27
 Formador(es):
MARIA DE LURDES GOMES NEVES
 Respondentes: 15 em 15 (100,0%)

Distribuição de Formandos por



Valores médios - respostas às questões



Comentários e Sugestões

- 1 Dar continuidade à ação
- 2 Aprofundamento da ação com a mesma formadora.
- 3 Esta ação de formação foi relevante na abordagem de estratégias motivadoras e facilitadoras da prática docente. Seria necessário mais tempo para trabalhar e aprofundar todas as ferramentas que nos foram proporcionadas pela Formadora Dr.ª Lurdes Neves. O ambiente de trabalho da equipa/ turma foi fantástico e a partilha de experiências dos formandos foi muito enriquecedora.

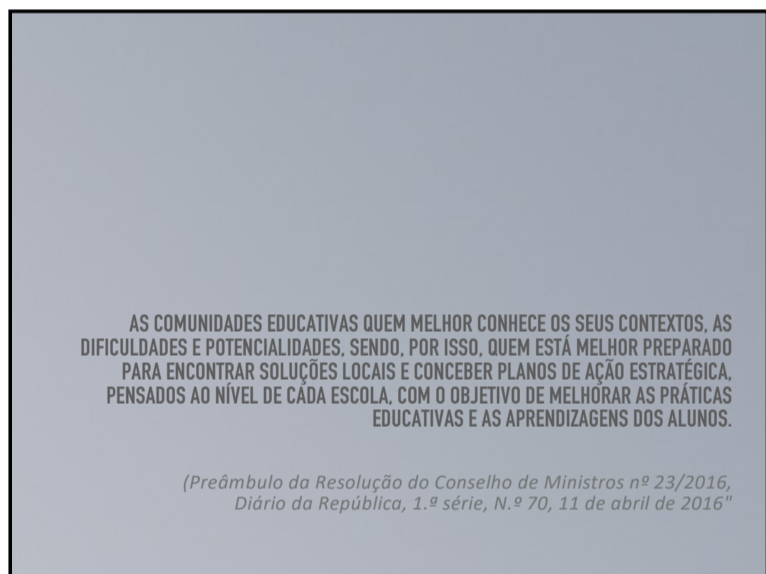
Anexo 7 - Apresentação utilizada no Grupo Focal 1



1



2

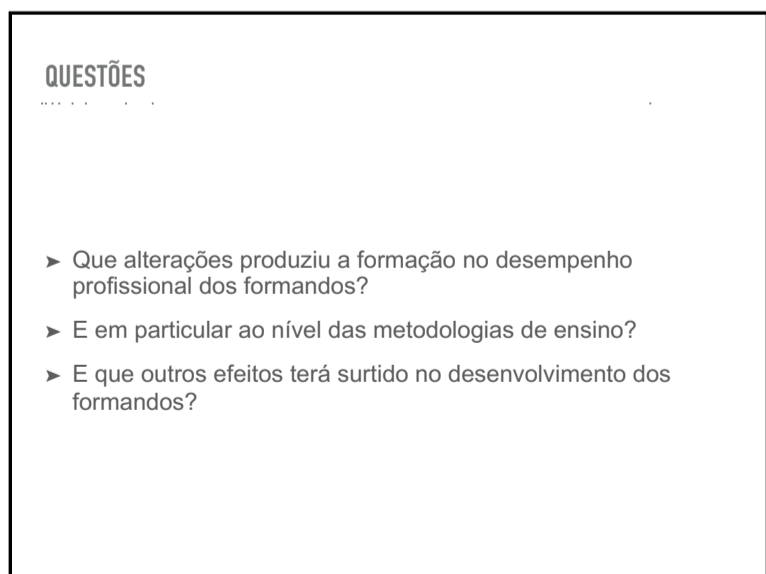


3

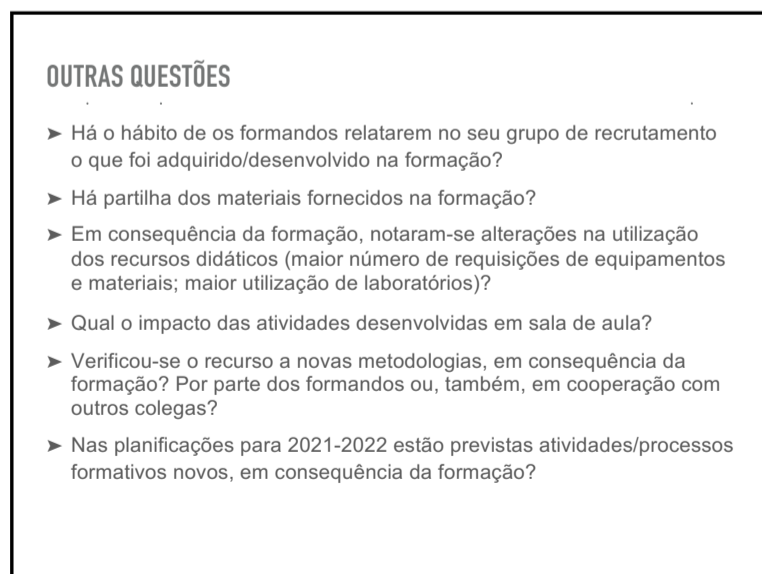
LISTA DE AÇÕES ALVO DE ANÁLISE

ID#	ação	turma	destinatários	modalidade	fim
342	Robótica educativa e pens. comp. na ed. pré-esc.	2	educadores de infância	oficina	16/12/2021
343	Capacitação digital de docentes, nível 1	2	docentes de línguas	oficina	22/06/2021
340	Plano de ação para o des. dig. das escolas	2	equipas de desenv. digital (vários grupos)	curso	22/06/2021
344	Capacitação digital de docentes, nível 2	1	1º ciclo	oficina	24/06/2021
344	Capacitação digital de docentes, nível 2	26	Docentes dos ens. bás. e sec (salada russa)	oficina	7/04/2022
350	Tinkerkad	1	Docentes dos grupos 240, 530, 540 e 550	curso	17/11/2021
352	O Excel-uma ferramenta pedagógica	1	todos	curso	4/12/2021

4



5



6

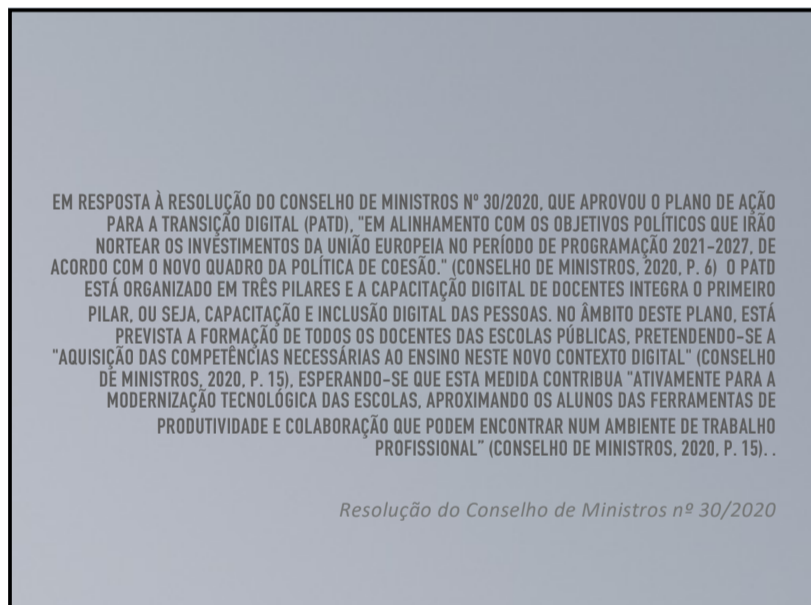
Anexo 8 - Apresentação utilizada no Grupo Focal 2



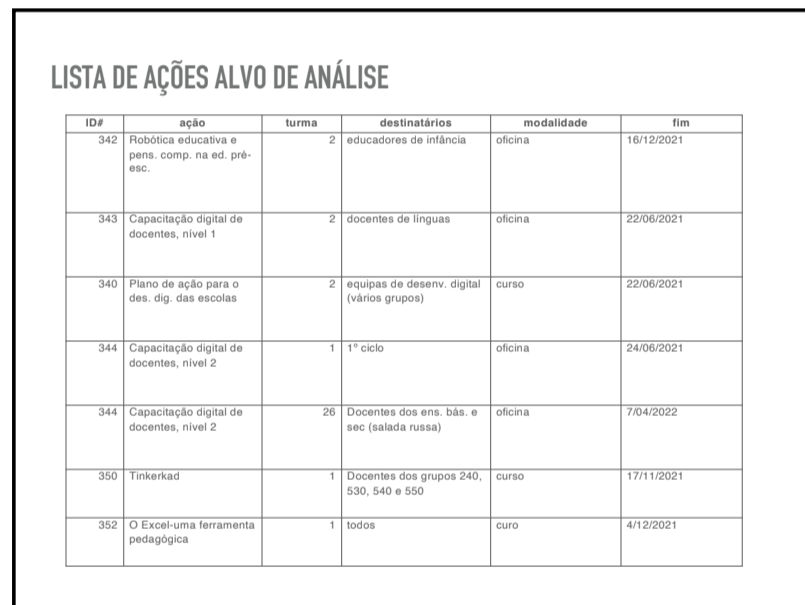
1



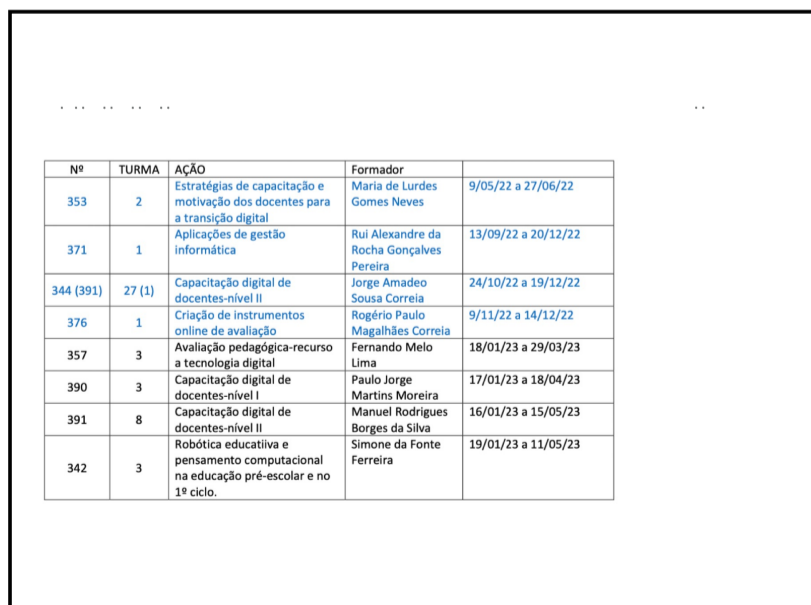
2



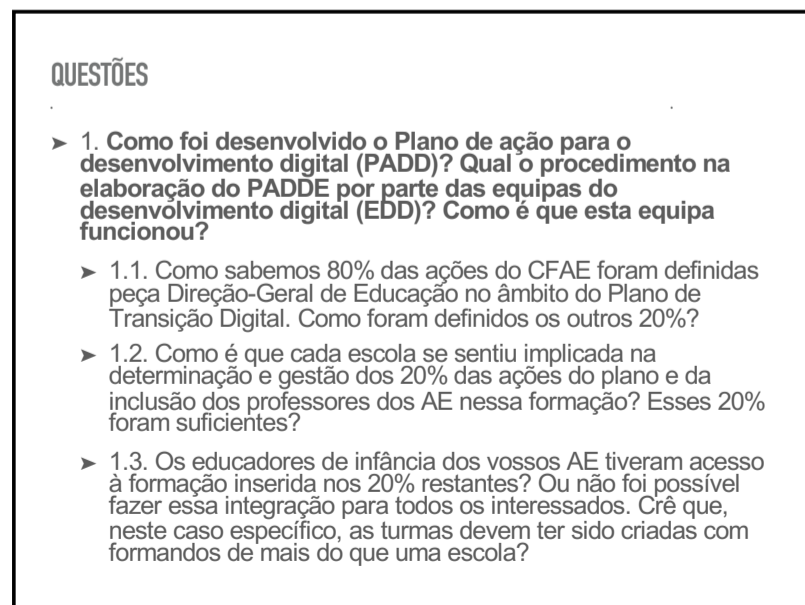
3



4



5



6

... ..

► **2. Para a dinamização das oficinas de capacitação digital dos níveis 1, 2 e 3 foram definidas turmas em função do resultado do questionário check-in.**

- 2.1. Como é que acham que este processo se desenvolveu? A definição do nível de competência digital foi linear? Foram feitos ajustes aos níveis de competência digital do formando em função do resultado do check in?
- 2.2. Como foram organizadas as turmas de formação? por escola?
- 2.3. Os professores reconhecem a importância deste movimento do digital nas escolas? houve algum docente que não tenha conseguido integrar as turmas para os níveis de formação? Como foram criadas essas turmas em cada AE? Com diversidade de colegas entre ciclos ou áreas de lecionação, ou seguindo outra dinâmica?

7

... ..

► **3. Como funcionou a implementação das ações? Constrangimentos? As ações decorreram online ou presencial?**

- 3.1. As escolas dispõem, atualmente, de recursos suficientes que permita a transformação digital das práticas docentes?

8

... ..

► **4. Este projeto pretendia uma mudança de práticas e de metodologias de ensino e não apenas a melhoria da proficiência dos docentes relativamente às ferramentas digitais. Assim:**

- 4.1. Consideram que há já um impacto visível na mudança de práticas, metodologias de ensino, por parte dos docentes nas vossas escolas?
 - 4.1.1. Impacto a nível de sala de aula/ escola
 - 4.1.2. Impacto a nível de departamento
- 4.2. É visível o trabalho colaborativo, a partilha de aprendizagens e de materiais entre docentes? Por exemplo através da disseminação de práticas pedagógicas? É visível na escola alterações? (por exemplo:
 - 4.2.1. Há o hábito de os formandos partilharem o que aprenderam na formação em reuniões de grupo disciplinar ou departamento?
 - 4.2.2. Há partilha de materiais fornecidos na formação?
- 4.3. Que outros efeitos esta formação terá surtido no desenvolvimento dos formandos?
 - 4.3.1. Em consequência da formação, notaram-se alterações na utilização dos recursos didáticos (maior número de requisições de equipamentos e materiais; maior utilização de laboratórios)?
 - 4.3.2. Verificou-se o recurso a novas metodologias, em consequência da formação? Por parte dos formandos ou, também, em cooperação com outros colegas?

9



10